



Cerimónia de Atribuição do
Título Académico de Professor Coordenador Honorário ao
Honorary Professorship Conferment Ceremony for
DR JOSÉ MANUEL DURÃO BARROSO

ÁLBUM COMEMORATIVO | COMMEMORATIVE ALBUM

巴羅佐名譽教授頒授儀式紀念特刊



**Cerimónia de Atribuição do
Título Académico de Professor Coordenador Honorário ao
Honorary Professorship Conferment Ceremony for
DR JOSÉ MANUEL DURÃO BARROSO**

ÁLBUM COMEMORATIVO | COMMEMORATIVE ALBUM

巴羅佐名譽教授頒授儀式紀念特刊

**CERIMÓNIA DE ATRIBUIÇÃO DO TÍTULO ACADÉMICO DE PROFESSOR
COORDENADOR HONORÁRIO AO DR JOSÉ MANUEL DURÃO BARROSO:
ÁLBUM COMEMORATIVO**

REDACTOR | Serviço de Assuntos Académicos do IPM
EDITOR | Instituto Politécnico de Macau
Rua de Luís Gonzaga Gomes, Macao
Tel: (853) 2857 8722
Fax: (853) 8230 8801
Email: saa@ipm.edu.mo
Website: www.ipm.edu.mo
DATA | Janeiro 2016
EDIÇÃO | 1ª edição
IMPRESSÃO | Tipografia Welfare LDA.
TIRAGEM | 500 exemplares

巴羅佐名譽教授頒授儀式紀念特刊

主編 | 澳門理工學院學術事務部
出版 | 澳門理工學院
地址：澳門高美士街
電話：(853) 2857 8722
傳真：(853) 8230 8801
電郵：saa@ipm.edu.mo
網頁：www.ipm.edu.mo
出版日期 | 2016年1月
版次 | 初版
印刷 | 華輝印刷有限公司
發行數量 | 500冊

**HONORARY PROFESSORSHIP CONFERMENT CEREMONY
FOR DR JOSÉ MANUEL DURÃO BARROSO:
COMMEMORATIVE ALBUM**

EDITOR | Academic Affairs Department, MPI
PUBLISHER | Macao Polytechnic Institute
Rua de Luís Gonzaga Gomes, Macao
Tel: (853) 2857 8722
Fax: (853) 8230 8801
Email: saa@ipm.edu.mo
Website: www.ipm.edu.mo
DATE | January 2016
EDITION | 1st edition
PRINTING | Tipografia Welfare LDA.
PRINT RUN | 500 copies

ISBN 978-99965-2-125-6

Cerimónia de Atribuição do
Título Académico de Professor Coordenador Honorário ao
Honorary Professorship Conferment Ceremony for
DR JOSÉ MANUEL DURÃO BARROSO

ÁLBUM COMEMORATIVO | COMMEMORATIVE ALBUM

巴羅佐名譽教授頒授儀式紀念特刊

INDÍCE

04	DISCURSOS
09	ELOGIO
12	CONFERÊNCIA SOBRE “GLOBALIZAÇÃO NO SÉCULO XXI: DAS NOVAS ROTAS DA SEDE A OUTRAS LIGAÇÕES ENTRE OS CONTINENTES”
47	DESTAQUES

目錄

21	講辭
24	讚辭
26	“21世紀的全球化：從新絲綢之路到大陸間的聯繫” 報告會
47	花絮

CONTENT

31	SPEECHES
36	CITATION
39	LECTURE ON “GLOBALISATION IN THE 21ST CENTURY: FROM THE NEW SILK ROADS TO OTHER CONNECTIONS BETWEEN CONTINENTS
47	HIGHLIGHTS

Senhor Doutor Alexis Tam

Secretário para os Assuntos Sociais e Cultura do Governo da RAEM



Desde há quase cinco séculos, Macau veio construindo a sua identidade de ponte no diálogo entre o Oriente e o Ocidente. No encontro de culturas que, ano após ano e século após século, acontece nesta pequena cidade do delta do Rio das Pérolas, Macau soube sempre exercer um papel de mediador. A China, de cuja cultura e de cuja história Macau é, e sempre foi, parte integrante, e Portugal, que administrou a região durante séculos, construíram, em conjunto, essa identidade.

Vale a pena sublinhá-lo, hoje e aqui, quando o Instituto Politécnico de Macau atribui a sua mais alta distinção a alguém que foi, durante anos, um construtor de diálogos. É essa a marca distintiva do homenageado de hoje, o Professor Doutor José Manuel Durão Barroso.

Como Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, foi obreiro de múltiplos consensos e actor determinante na solução de muitos conflitos, não apenas nos países de língua portuguesa, mas também um pouco por todo o Mundo.

Como Primeiro-ministro de Portugal e depois como Presidente da Comissão Europeia, prosseguiu esse desígnio. Permitam-me salientar, em especial, a forma hábil como quando, na impossibilidade de conseguir consensos – e em política infelizmente isso acontece não raras vezes –, foi paciente, cauteloso e diplomata na construção de compromissos.

Estamos, portanto, perante um Português de excepção com um percurso brilhante, que se afirmou com mestria e inteligência, não apenas no processo de construção europeia, mas também no concerto das nações.

E importa aqui, também, registar esta distinção, quando a instituição que lhe confere o mais destacado dos seus títulos é uma instituição que procura a excelência e que faz do ensino do Português e da formação de profissionais bilingues qualificados uma das suas prioridades. Quero por isso, felicitar o Instituto Politécnico de Macau pela iniciativa e, também, pela exigência colocada no vosso desenvolvimento.

Na realidade, o ensino da língua portuguesa, que se desenvolve neste espaço emblemático de intercâmbio de culturas, de cosmopolitismo e de tolerância, constitui uma aposta estratégica para o Governo. Ela não é apenas um referencial histórico e colectivo, mas sim um elemento determinante para desempenharmos, com sucesso, o papel que nos foi confiado de sermos uma plataforma entre a China e os Países de língua portuguesa. Igualmente porque contribui, indubitavelmente, para a aproximação dos povos através da cultura, reduzindo, assim, a distância que a geografia nos impôs.

Queremos no quadro regional onde nos inserimos ser um centro de excelência na formação de Língua Portuguesa, para o qual contribui o meritório papel que tão bem vem sendo desenvolvido por esta instituição na formação de professores também no interior da China.

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Quis Sua Excelência o Chefe do Executivo da Região Administrativa Especial de Macau associar-se a esta iniciativa, designando-me para, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, o representar, o que constitui para mim grato prazer. Gostaria de aproveitar para saudar o Senhor Professor Doutor Durão Barroso, não apenas pelo seu extraordinário percurso político, que tenho o privilégio de acompanhar há muitos anos, mas também pela notável carreira académica.

Não esquecemos, Senhor Professor, que Vossa Excelência, nos diversos cargos por onde passou, foi sempre um amigo de Macau.

A sua presença hoje, aqui, constitui, para todos nós, motivo de alegria e de orgulho. Alegria tanto maior quanto este reencontro não se alimenta apenas da homenagem à sua extraordinária carreira, mas também porque ela é criadora de esperança em novos projectos que possam surgir pelo título que esta instituição ora lhe confere. Orgulho porque o Instituto Politécnico de Macau

acolhe na galeria dos seus mestres honorários uma figura com a envergadura cívica e política do Doutor José Manuel Durão Barroso.

A feliz circunstância de o nosso homenageado se ter disponibilizado a partilhar a sua reflexão e saber na conferência que a seguir se realiza, sobre um tema tão fascinante como o da globalização e das novas rotas da seda, que todos, estou certo, ouviremos com redobrada atenção, constitui desde já um resultado sólido desta iniciativa.

A Globalização aproximou povos, diminuiu barreiras, minimizou distâncias e promoveu diálogos interculturais, características tão bem personificadas pelo nosso homenageado.

Muito obrigado!

(Fonte: Site do Gabinete do Secretário
para os Assuntos Sociais e Cultura)

Professor Doutor Lei Heong lok Presidente do Instituto Politécnico de Macau



É quase um lugar comum dizer-se que há distinções que honram mais quem as confere do que quem as recebe. Mas nem por ser um lugar comum esta frase é menos verdadeira. É isso que se passa neste dia em que o Dr. José Manuel Durão Barroso aceita e recebe o título de Professor Coordenador Honorário do Instituto Politécnico de Macau. A entrada de tão distinta personalidade na galeria dos seus professores honorários é, em si mesma, uma honra para o IPM.

Esta é a mais alta distinção conferida pelas instituições de ensino superior politécnico. Por elevada que seja, não o é o suficiente para homenagear aquele que hoje acolhemos e distinguimos. O Dr. José Manuel Durão Barroso é protagonista de um percurso cívico, político e académico deveras singular.

Professor universitário, em Portugal, na Suíça e nos Estados Unidos da América, Primeiro Ministro de Portugal e Presidente da Comissão Europeia, eis três dos mais destacados capítulos de uma biografia rica e devotada ao serviço público. Quis ser um académico; mas o apelo do serviço público falou sempre mais alto e mais forte. E com ganho e vantagem para a sociedade que somos, é importante dizê-lo.

Homem de consensos, esteve envolvido na solução de múltiplos conflitos em todo o mundo. Não é por acaso que é titular do grau de Doutor Honoris Causa concedido por prestigiadas universidades nas mais variadas latitudes. A elas se junta o IPM, ao conceder-lhe, hoje, o título de professor honorário. Entendamos bem o significado deste binómio: professor e honorário. Professor é o mais alto patamar da carreira no ensino superior; no caso do ensino superior politécnico, professor coordenador. Honorário, tenhamos presente, porque o patamar é atingido, não apenas para honra e dignidade de quem recebe o título, mas em razão da sua honra e dignidade. Esse foi o motivo que levou os órgãos superiores do IPM a decidir atribuir este título.

Atribuí-lo, é bom realçá-lo, a uma personalidade de relevo na Europa, mas também a um distinto cidadão português. E convém realçá-lo, porque o IPM, instituição que faz da busca da qualidade e da excelência o seu lema, tem no desenvolvimento do Português uma

das suas apostas estratégicas mais persistentemente prosseguidas e com mais êxito conseguidas. Em cursos de licenciatura, os já antigos e o recém criado, e em acções de formação de professores no interior da China, o Português é marca distintiva da nossa actividade enquanto Instituição de Ensino Superior. Entendeu o Dr. José Manuel Durão Barroso aceitar o título que lhe propusemos, assim ficando a fazer parte de uma galeria que possui já nomes notáveis, como Henry Kissinger, Li Zhaoxing, Qin Dahe e Daisaku Ikeda, para referir, apenas, quatro nomes ilustres. Por isso lhe ficamos profundamente reconhecidos.

Quis Sua Excelência o Senhor Chefe do Executivo da RAEM associar-se a esta iniciativa, fazendo-se representar pelo Senhor Secretário dos Assuntos Sociais e Cultura. Dr. Alexis Tam. E por isso manifestamos a ambos o nosso mais sentido agradecimento. A presença de Vossa Excelência, Senhor Secretário, é um sinal de estímulo e de apoio à nossa actividade científica e pedagógica, pelo qual estamos muito gratos.

Como estamos gratos a quantos quiseram juntar-se a nós nesta homenagem, com a sua presença solidária que tanto nos honra. A todos, muito obrigado.

Seja bem vindo ao quadro de professores do Instituto Politécnico de Macau, senhor Dr. José Manuel Durão Barroso!

Muito obrigado!

Senhor Doutor José Manuel Durão Barroso

Ex-Presidente da Comissão Europeia e Professor Coordenador Honorário do IPM



Quero, em primeiro lugar, agradecer na pessoa do Professor Doutor Lei Heong lok, ao Instituto Politécnico de Macau a grande honra que acaba de me conferir. Quero dizer que fico muito sensibilizado por esta distinção.

Agradeço também, reconhecidamente, ao Professor Doutor Carlos André as palavras tão gentis que quis dirigir-me no seu Elogio, na ocasião da atribuição de Título tão prestigiante; fico muito reconhecido por essas palavras que procuram retratar o percurso de alguém que é português, que é europeu mas que é também, e, queria dizer-vos, sincero amigo de Macau e sincero amigo da China.

Senhor Secretário para os Assuntos Sociais e Cultura do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, Doutor Alexis Tam, permita-me que, através de V. Ex^ª. agradeça a presença aqui entre nós das Autoridades da Região Administrativa Especial e também dos representantes do Governo da República Popular da China; sejam todos testemunhas do meu reconhecimento.

Queria considerar esta distinção, para além dos aspectos pessoais, já aqui referidos, também como um gesto, um gesto deste Instituto Politécnico de Macau, em relação ao meu País, Portugal e à União Europeia cuja Comissão tive a honra de dirigir durante os últimos 10 anos. Na realidade, em funções do Governo de Portugal e como Presidente da Comissão Europeia, trabalhei para

a aproximação entre Portugal e a China, especialmente com Macau, e também para a aproximação e relações cada vez mais estreitas e amigas entre a União Europeia e a China.

Como jovem Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, participei nas negociações para a transição de Macau (e estão aqui na mesa e na assistência vários participantes nesse processo, vários colegas meus nessa empresa tão importante, quer para Portugal quer para a China). É por isso que, com grande satisfação, hoje me encontro aqui, em Macau e, como ontem pude testemunhar, no encontro com o *Chief Executive*, com o Chefe do Governo da Região Administrativa Especial, verificar que Macau é hoje uma região estável, próspera, fiel à sua tradição de abertura ao Mundo e com bastante confiança no seu futuro.

Quero felicitar as Autoridades de Macau e também as Autoridades da República Popular da China porque souberam definir objectivos estratégicos para Macau, nomeadamente a sua vocação como centro de excelência no turismo mundial e também no aspecto cultural como plataforma das relações entre a China e o mundo de língua portuguesa, não apenas Portugal mas o Brasil, países de língua portuguesa em África e também em Timor-Leste.

E a verdade é que o Instituto Politécnico de Macau tem colaborado, e de que maneira, na prossecução

desses objectivos. Por isso, muito sinceramente, quero dizer ao senhor Professor Doutor Lei Heong lok, Presidente do Instituto Politécnico de Macau, a minha admiração pelo vosso trabalho nomeadamente aquilo que estão a fazer em termos de promoção da língua portuguesa em toda a China; também os portugueses que estão a aprender chinês e a capacidade que este Instituto tem demonstrado de ser um *pivot*, de ser catalisador destas relações entre a China e o resto do Mundo nomeadamente o mundo de expressão portuguesa e fazê-lo a partir de Macau.

Macau, fiel e orgulhosa da sua tradição, mas, cada vez mais, projectando no futuro essa sua especificidade e essa sua mesma vocação. Por isso vos felicito muito sinceramente e vos digo que agora, como professor desta casa, darei, na medida das minhas possibilidades de agenda, o meu contributo. Porque é verdade, como disse, nas suas gentis palavras, o Professor André, que eu vejo a Academia talvez acima da Política, que me desculpem os políticos. A política é muito importante, mas a política é instrumental; a política vale a pena se for para concretizar os objectivos de realização de cada ser humano; e cada ser humano realiza-se precisamente através do acesso ao conhecimento, à ciência, à arte, à cultura. E é por isso numa instituição de cultura, numa instituição de ciência,

numa instituição de ensino como é o Instituto Politécnico de Macau, que eu me sinto particularmente à vontade e espero poder, depois de ter recebido esta vossa distinção, dar o meu contributo para uma relação ainda mais forte entre Macau e Portugal, entre a China e a União Europeia.

Muito obrigado por esta distinção. Bem hajam!

(Transcrição)

Professor Doutor Carlos André

Director do Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa do Instituto Politécnico de Macau



Na vida das instituições, como na vida das pessoas, acontecem datas que ficam gravadas com letras firmes, capazes de resistir à erosão implacável do tempo. São marcos na sua história, também eles sinais de identidade, como as antigas lápides de pedra onde se deixava registado para memória futura o peso dos mais significativos acontecimentos.

No caso das instituições académicas, a atribuição de graus e títulos honorários é, sem dúvida, um desses momentos; pelo seu significado, pelo seu peso institucional, pela sua solenidade, pela sua natureza e, por último na ordem, que não na escala de valores, pelas figuras dos homenageados.

Vivemos hoje uma dessas datas. O Instituto Politécnico de Macau acolhe, na galeria dos seus professores honorários, o Dr. José Manuel Durão Barroso. Significa isso que, a partir deste momento, esta nossa galeria de honra, motivo de grande orgulho para o IPM, pelos nomes que nela figuravam, fica agora mais rica: já tínhamos o orgulho de ver, em lugar de grande relevo, nomes importantes da vida pública mundial, como Henry Kissinger, e da vida académica, como Adriano Moreira; já tínhamos o orgulho de ali juntar figuras importantes do pensamento ocidental, como são estes dois, e do pensamento chinês e asiático, como Li Zhaoxing, Wang

Puqu ou o japonês Daisaku Ikeda; temos o orgulho renovado de agora acrescentar a essa lista notável o nome daquele que presidiu aos destinos da Europa durante os últimos dez anos.

Mais do que uma honra para quem recebe tal distinção, esta é uma honra para a nossa Escola, que a confere.

O Dr. Durão Barroso possui, entre os traços da sua identidade, uma marca especialmente distintiva: abraçou, de vontade, no tempo próprio e sempre que a vida lho consentiu, a carreira académica; mas experimentou sempre, em cada etapa desse percurso, o drama da encruzilhada; porque essa sua opção foi, a cada passo, interceptada pelo apelo do serviço público, pela chamada à actividade cívica, pelo sentido do dever; levou-o, em cada momento, esse apelo a adiar a academia e a ceder ao convite à participação na vida pública e à entrega à causa da sociedade que somos.

Após ter obtido a sua graduação, em Direito, pela Universidade de Lisboa e de ali ter sido assistente, iniciou uma promissora carreira como docente e investigador em Genève, na Suíça, cidade onde alcançou, com distinção, o grau de Mestre. Passara, entretanto, pelo Instituto Europeu de Florença, em Itália. Mas, em 1985, é chamado ao Governo de Portugal, para as funções

de Sub-secretário de Estado para os Assuntos Internos. Aceitou. E esse primeiro passo, ao aceitar o convite, traçou, de alguma forma, as linhas do seu destino.

Foi uma experiência de pouca duração, essa que fez na Administração Interna; percebia-se que a sua identidade estava ligada à diplomacia, ao convívio na sociedade das nações, ao diálogo entre povos e Estados. Foi por isso que, logo depois, assumiu o lugar de Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, ainda muito jovem. E, cinco anos mais tarde, o de Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal. O seu destino parecia traçado. Em simultâneo, foi sendo sucessivamente eleito deputado à Assembleia da República portuguesa.

Mas, tão depressa o vai-e-vem da vida política lhe deu espaço, ei-lo de volta à Academia. Desta vez, em Washington, na prestigiada Georgetown University, onde continuou a sua actividade de investigador e professor.

Por pouco tempo, convenhamos, pois lhe não permitiu o serviço público a ilusão de ali viver estadia prolongada. As crises são quase sempre um espaço de apelo. E uma crise política em Portugal fê-lo sentir esse apelo a que regressasse. Voltou ao seu país em 1999, para liderar a oposição e para ganhar, depois, as eleições.

Assim se tornou Primeiro-Ministro de Portugal, de 2002 a 2004, em momento de especial complexidade na vida do seu país. Os tempos eram difíceis; os sinais da crise que, pouco depois, viria a fazer vacilar o mundo ocidental e a sua economia, adivinhavam-se

já. Nas grandes economias do Ocidente sucediam-se os sobressaltos. Tudo levaria a crer que o Dr. Durão Barroso permanecesse algum tempo na nobre função de que estava investido. Mas um novo apelo se fez sentir. Convidado para Presidente da Comissão Europeia, em 2004, aceitou esse difícil desafio para liderar a união dos países do velho continente; foi eleito em 2004 e reeleito em 2009. Durante dez anos, presidiu, portanto, aos destinos da União Europeia, sempre na busca de diálogos e entendimentos, mesmo quando eles não eram fáceis nem visíveis, e numa época de grande transformação.

Vindo de um pequeno país de dez milhões de pessoas (menos de qualquer uma das cidades chinesas), dirigiu com as regras e os princípios do bom senso e do consenso um dos importantes eixos da política mundial. A sua reeleição, depois do primeiro mandato, é, só por si, a prova da sua capacidade para procurar construir pontes onde elas pareciam impossíveis, para gerir as vias do diálogo, para arbitrar, liderando e para liderar, arbitrando.

Passados esses anos, no entanto, o seu destino foi, de novo, a academia. É, agora, professor na Universidade de Princeton, uma das mais prestigiadas dos Estados Unidos da América.

O que significa que, na sua biografia, nas linhas do seu destino, sempre a Universidade se cruzou com a política e com o que esta tem de mais nobre, o serviço público.

Isso mesmo foi reconhecido por muitas instituições e por muitos países.

Obteve as mais altas condecorações em países tão diversos como França, Espanha, Bulgária, Polónia, Hungria, Brasil, Costa do Marfim, Peru, Cabo Verde, Estónia, Lituânia, Japão, Países Baixos, Alemanha, Finlândia, além de muitos outros, entre os quais, claro, aquele que o viu nascer, Portugal.

Recebeu os mais variados prémios e as mais diversas distinções, uns e outras conferidos por entidades e instituições de enorme prestígio no domínio político e no domínio social; é, também, cidadão honorário de muitas cidades e muitas pátrias, sinal inequívoco do reconhecimento das suas qualidades, do seu perfil, do seu percurso.

E não surpreende que assim seja. Durão Barroso teve um papel activo na concertação de muitas discórdias e no processo de diálogo que levou a muitos entendimentos difíceis, no cenário internacional; o seu nome e a sua acção estão ligados a processos de resolução de conflitos internacionais complexos em Angola, na Guiné-Bissau, em Timor-Leste, na Bósnia-Herzegovina, para referir, apenas, alguns dos mais destacados.

Autor de muitas publicações, sobre Ciência Política, sobre Relações Internacionais, sobre Portugal, sobre a Europa, talvez não seja abusivo acreditar que serão as distinções académicas aquelas de que mais se orgulha. Muitas Universidades lhe concederam os seus mais elevados graus de prestígio, em especial a mais alta qualificação académica, o doutoramento “honoris causa”,

ou a medalha de honra: Hanói, Brasília, Jerusalém, Bratislava, Mongólia, Cazaquistão, Haifa, Lisboa, Roma, Gand, Auckland, Baku, Lodz, Genebra, Bucareste, Rio de Janeiro, São Petersburgo, Nice, Liverpool, São Paulo, Varsóvia, Edimburgo, Washington, Génova, Dublin e muitas, muitas outras.

Como é, também, membro honorário de academias, de instituições académicas e científicas, de sociedades de conhecimento, de organizações internacionais.

Quis o Instituto Politécnico de Macau, por decisão assumida pelos seus órgãos, juntar-se a tão notáveis universidades. Por isso o recebe hoje na galeria dos seus Mestres de honra; e acedeu o Professor Durão Barroso a dar ao IPM a honra de aceitar ser parte da nossa Escola.

O IPM é já uma instituição de referência na República Popular da China e na região da Ásia Pacífico. A sua qualidade foi reconhecida internacionalmente e a procura de que é alvo por parte dos estudantes fala por si. Afirmam, também, esse lugar cimeiro os seus professores e, em especial, aqueles cujo retrato ostentamos na nossa galeria de honra, os nossos professores honorários. Aí passa a figurar, a partir de hoje, o Professor José Manuel Durão Barroso. Para honra nossa e a assinalar a nossa vontade de sermos parte da grande elite das instituições de ensino superior.

Senhor Secretário para os Assuntos Sociais e Cultura,
Senhor Dr. José Manuel Durão Barroso,
Senhor Presidente do IPM,
Minhas Senhoras e meus senhores,

Uma Escola afirma-se pelos seus alunos e seu sucesso, pelos seus êxitos, pelos seus Mestres e seu prestígio. Este novo membro do nosso corpo docente honorário mais alicerça esse nosso prestígio, mas, ao mesmo tempo, mais acrescenta a nossa responsabilidade. O IPM saberá estar à altura dessa responsabilidade.

Confúcio, o mais notável dos pensadores chineses e um dos mais ilustres pensadores da história da humanidade, afirmou repetidamente a convicção de que a educação, isto é, a formação cuidada nos princípios da sabedoria, da moral, da rectidão de vida, é o traço fundamental do bom governante. Se assim é, pode dizer-se, na perspectiva inversa, que aqueles a quem as instituições de excelência no sistema educativo distinguem como os melhores de entre os melhores são, por isso mesmo, credores da veneração e respeito de todos nós.

Permita-me, pois, Professor José Manuel Durão Barroso, que o saúdo e lhe dê as boas vindas ao corpo docente do Instituto Politécnico de Macau e à galeria dos seus professores honorários.

Mais do que uma honra que lhe conferimos é uma honra que lhe agradecemos.

Senhor Doutor José Manuel Durão Barroso

Ex-Presidente da Comissão Europeia e Professor Coordenador Honorário do IPM



GLOBALIZAÇÃO NO SÉCULO XXI: DAS NOVAS ROTAS DA SEDE A OUTRAS LIGAÇÕES ENTRE OS CONTINENTES

Como já foi dito, tratarei do tema “A Globalização no séc. XXI” e, nesse contexto, invocarei a proposta chinesa para Novas Rotas da Seda. Mas, permitam-me, em primeiro lugar, algumas palavras gerais sobre o próprio conceito de Globalização, às vezes também referido como Mundialização.

Podemos definir globalização como aquele processo através do qual determinadas trocas económicas, financeiras, de informação, também trocas culturais e, até, intercâmbios políticos se intensificam, vindo de um modo ou de outro a impor-se ao próprio nível nacional ou regional, assumindo uma natureza verdadeiramente global ou universal. É esta a acessão corrente do conceito de globalização e, ao longo da história, podemos dizer que houve várias fases de globalização; houve séculos em que os diferentes continentes praticamente não estavam em contacto uns com os outros ou em que esses contactos eram de reduzida expressão.

Há alguns historiadores que associam a primeira globalização precisamente às navegações portuguesas; foram as explorações marítimas portuguesas que, de algum modo, puseram pela primeira vez em contacto intenso a Europa, a África, a Ásia e as Américas; e, aliás, nesse aspecto, Macau também teve um certo papel,

como foi já dito, como mediador, tendo sido um posto muito importante de comércio em toda a região da Ásia. E verdade é que essa globalização, aquela a que alguns autores chamam a 1ª Globalização da Idade Moderna, iniciada por Portugal, viria a conhecer um grande aprofundamento com a Espanha, com a Holanda, com a Inglaterra e teve uma expressão simbólica, e mais do que simbólica, na 1ª Viagem de Circumnavegação à volta do Mundo a primeira vez em que verdadeiramente, de aspecto físico, se realizou essa troca em todo o Mundo; foi a viagem de Fernão de Magalhães, navegador português então ao serviço de Espanha que provou, através dessa viagem, que o Mundo era um só e que era efectivamente uma concepção global, aquela que viria a organizar a vida económica e não só dos séculos seguintes.

Houve depois outras fases, nomeadamente com a Revolução Industrial que começou em Inglaterra, e com a própria situação a seguir à 2ª Guerra Mundial, em que os Estados Unidos da América assumiram um papel de hegemonia; mas hoje estamos, penso eu, numa globalização de tipo diferente.

Aquela globalização a que assistimos desde os finais do séc. XX e agora no início do séc. XXI é uma globalização diferente das anteriores pela sua amplitude,

pela sua rapidez, pela sua intensidade, ao fim e ao cabo pela sua própria natureza.

Parte, aliás, essencial desta globalização está ligada à China, à emergência da China. A abertura da China, nomeadamente a partir da política definida por Deng Xiaoping, que levou a um crescimento exponencial da economia da China e também a uma cada vez maior interacção da China com o resto do Mundo; China que durante muitos séculos foi a primeira economia do Mundo mas que, noutros séculos, perdeu essa posição e que está agora a recuperá-la naturalmente como o país com maior expressão demográfica no Mundo. E verdade é que agora, nestes últimos anos, foi possível assistirmos a transformações em algumas décadas que, no passado, demoraram alguns séculos.

Se virmos, e.g., as estatísticas em termos de crescimento de produto interno bruto, aquilo que demorou alguns séculos a alguns países europeus a conseguir, a duplicação ou a triplicação do seu produto interno bruto, a China conseguiu apenas em algumas décadas. Isto é possível também em larga medida por causa das relações económicas globais, o crescimento exponencial do comércio e também, claro está, o crescimento que é fomentado por grandes transformações na área tecnológica e científica.

Temos pois hoje uma globalização que,

diferentemente do passado, já não é dirigida ou controlada por um ou outro país, por este ou por aquele governo, mas que ultrapassa os próprios governos e que encontra a sua raiz e o seu apoio nas transformações económicas, financeiras, à escala mundial, e no próprio desenvolvimento da ciência e da tecnologia. E a ciência e a tecnologia, na realidade, não são controladas por nenhum governo. Pode um ou outro país ter uma vantagem científica ou tecnológica mas, em larga medida, os desenvolvimentos da ciência e da tecnologia são, por assim dizer, para além da política ou para além dos estados.

E temos uma globalização que tem uma dimensão económica e financeira mas que tem também uma grande dimensão em termos de comunicação, nomeadamente por causa do desenvolvimento extraordinário das tecnologias de informação e comunicação, chamadas TIC ou *ICT* (em inglês), desenvolvimento da internet. O desenvolvimento também de contactos culturais cada vez mais importantes no plano transnacional. E temos, portanto, também processos de trocas comerciais e de trocas de investimento para além dos contactos financeiros que, em larga medida, se impõem ao nível nacional. É por isso que, na definição actual de globalização, cada vez mais se insiste nos aspectos não só transnacionais mas

supranacionais, i.e., que de algum modo estão acima ou se impõem ao nível nacional. Isto não quer dizer que o nível nacional não seja muito importante, é importante até em termos de resposta à globalização e em termos de tentativas para uma nova ordem global, mas a verdade é que os estados hoje se vêem confrontados com fenómenos que, em larga medida, escapam ao seu controle por que tem a sua origem no desenvolvimento científico ou tecnológico ou até em trocas financeiras que eles, em larga medida, não conseguem controlar.

Daí que, muitas vezes também, a globalização seja apresentada como uma ameaça, não apenas como algo positivo, mas como uma ameaça, na medida em que aquilo que é um perigo para um pode contaminar o resto do Mundo.

Temos na realidade, hoje em dia, a ameaça do terrorismo internacional, temos ameaças como a instabilidade financeira (daqui a pouco já comentarei isso mais em concreto). A propósito de crise financeira e das dívidas soberanas de 2008 em diante, temos também problemas que, pela sua própria natureza, se impõem por cima das fronteiras, os problemas das alterações climáticas ou os problemas ambientais.

A poluição não acaba nas fronteiras de um país. Por definição, a poluição e todos os riscos ambientais são transnacionais, exigem uma resposta transnacional.

Temos também, hoje em dia, o perigo da disseminação das pandemias ou seja, de grandes epidemias desde a chamada Gripe das Aves ou a Gripe Asiática até à recente epidemia do Ébola que começou em África, precisamente por causa das maiores trocas das viagens, do turismo, dos intercâmbios, cada vez mais frequentes. Hoje em dia são uma ameaça também para a saúde a nível global ou seja, a globalização tem riscos e apresenta também desvantagens.

No entanto, eu sou daqueles que pensam que a globalização traz mais aspectos positivos do que negativos; de qualquer maneira é um debate algo inútil na medida em que penso também que a globalização é algo que vai acontecer e que está já a acontecer. Como disse, nenhum poder é capaz de controlar, a menos que haja um cenário catastrófico de guerra em que podemos, então sim, ter situações de refluxo na globalização, em que essa globalização pode parar mas, se não houver uma situação, que penso ninguém deseja, de guerra generalizada, então vamos ter cada vez maior número de trocas, trocas económicas, trocas financeiras, trocas comerciais, contactos humanos, mais viagens, mais turismo, mais interacção não apenas entre diferentes países mas entre os cidadãos do Mundo.

Essa é a tendência mais forte do Mundo hoje em dia, a favor da globalização; maior comércio, maior investimento e maiores trocas e, por isso, àqueles que se queixam da globalização, eu às vezes digo, é como queixar-se do vento ou como queixar-se da chuva. Ela acontece, independentemente da nossa vontade, mas

eu queria acreditar que a globalização não é apenas algo que nos escapa; é algo que pode ser positivo. Na medida em que a própria ideia de globalização, a ideia de abertura, a ideia de rasgar horizontes, a ideia de que nós podemos ter a nossa identidade nacional ou a nossa identidade regional mas que estamos abertos ao resto do Mundo. Por isso, de um ponto de vista cultural, a globalização é uma grande oportunidade.

Também sei que há aqueles que vêem na globalização o risco de uma uniformização. Francamente penso que essas ameaças são exageradas; a globalização não representa necessariamente a uniformização; pelo contrário, ao pôr em contacto diferentes culturas, diferentes línguas, diferentes modos de ver, até diferentes civilizações, é uma forma de estabelecer pontos, é uma forma de estabelecer novos diálogos. É, pois, uma grande oportunidade cultural.

Por isso, eu estou entre aqueles que são a favor da globalização pelo que ela representa de rasgar novos horizontes, pelo que ela representa de fertilização cruzada, como se diz em inglês, *cross-fertilization*, na medida em que permite que as diferentes civilizações e culturas aproveitem umas das outras e ganhem nessas trocas, se enriqueçam mutuamente e também se permite o acesso à tecnologia e à ciência. Eu sei que, por vezes, este acesso não é ilimitado e que há reservas e que aqueles que têm uma posição de vantagem neste domínio não gostam sempre de partilhar mas a verdade é que a tendência hoje é para maior disseminação das

descobertas científicas e tecnológicas e também do ponto de vista económico.

Um pequeno país não está necessariamente condenado a um mercado pequeno. Nós na Europa fizemos esse processo: temos hoje a União Europeia com 500 milhões de pessoas, ou seja, um pequeno país tem acesso imediato a todo o mercado europeu, não estando confinado ou limitado à população de dois, três, seis, dez milhões de habitantes que possa ter. Ou aqui, como acontece, e.g., nesta região da Ásia, onde temos um caso interessante que é o caso de Singapura, uma pequena cidade-estado que, no entanto, é, do ponto de vista económico, um poder global, porque, claro, está a tirar as vantagens da globalização, do acesso aos mercados de que beneficia; isto também, como é óbvio, apoiando-se nas competências que este próprio país foi capaz de desenvolver. Portanto, a globalização é uma forma de não estarmos condenados a um horizonte mais pequeno, seja do ponto de vista económico, comercial ou até cultural; por isso, sou a favor da globalização.

E nós tivemos alguns riscos e algumas provas disso. Em 2008, como sabemos, tivemos uma crise financeira que, muitas vezes, ficou conhecida no Mundo como a “Crise do Euro” mas que, na realidade, não é uma crise do euro porque não foi criada pelo euro, a moeda comum europeia, nem foi específica ou limitada ao euro. A crise, aliás, começou nos Estados Unidos da América, começou com a falência de um dos maiores bancos do Mundo, “Lehman Brothers”, e com a falência de outras

instituições financeiras norte-americanas, na sequência da chamada “Crise do Subprime”; tornou-se uma crise financeira, mas também uma crise da dívida soberana na Europa. Claro está que pôs desafios específicos no euro, porque o euro, a União Económica e Monetária, não estava completa e não está ainda completa e não tinha todos os instrumentos de que precisava para reagir a esse tumulto, a essa instabilidade financeira; mas, a verdade é que a reacção que tivemos foi uma reacção importante.

Eu próprio, na altura, como Presidente da Comissão Europeia, e o Presidente de rotação, na altura era a França que exercia essa presidência rotatória da União Europeia, Presidente Sarkozy, fomos falar com o Presidente George W. Bush aos Estados Unidos, em Camp David, e propor-lhe, propor ao Presidente americano que realizássemos o primeiro “G20”, ou seja, a reunião das Maiores Economias do Mundo. Porque, para nós, era evidente que o antigo “G8”, onde a China não estava presente, onde estavam apenas presentes os países europeus mais importantes do ponto de vista económico mais os Estados Unidos, o Japão e o Canadá e também a Rússia, era para nós evidente que o “G8” já não tinha efectividade e capacidade para organizar uma resposta global à instabilidade financeira. E foi na sequência dessa proposta europeia que realizámos o primeiro “G20” em Washington, e depois já se realizaram vários, o último dos quais na Austrália, que, no essencial, conseguiram evitar um retorno ao protecçãoismo, porque teria sido gravíssimo que, a juntar à crise financeira, tivéssemos

o retorno ao protecçãoismo, como tinha acontecido nos anos 30 do séc. XX, também com a sequência da crise que começou nos Estados Unidos, na bolsa de Nova Iorque, e que tivéssemos os países cada vez mais fechados. Houve, é verdade, tendências proteccionistas, mas no essencial conseguiu-se evitar um retorno a um protecçãoismo generalizado, ou seja, a comunidade internacional teve o instinto de evitar voltar-se a fechar sobre si mesma, cada país a fechar-se sobre si mesmo, e conseguiu manter uma certa abertura.

E a verdade é que, hoje, o “G20” estabeleceu-se como o “1º Fórum Económico Global”, porque consegue uma legitimidade que não tinha o “G8” e também uma efectividade que a nível geral das Nações Unidas ainda não é possível conseguir, pois as Nações Unidas, infelizmente, como estão presas à regra do consenso, podem ver-se, às vezes, impedidas de decidir com a urgência necessária em matérias muito importantes.

A própria União Europeia é hoje o laboratório da mundialização. Como sabem, a Comunidade Europeia foi criada a seguir à 2ª Guerra Mundial, que foi, na realidade, uma guerra que começou na Europa, com 6 países fundadores; eram apenas 6 os países que criaram a Comunidade Europeia, a França e a Alemanha, que eram os antigos inimigos e que fizeram a sua reconciliação, mas também os três países do Benelux, Holanda, Bélgica e Luxemburgo e a Itália.

Mas, hoje em dia, a União Europeia tem 28 países e, se me permitem que vos conte a minha própria

experiência, entre 2004 e 2014, quando fui Presidente da Comissão Europeia, eu pude ver essa capacidade da União Europeia de se adaptar a novos desafios. Nós, em 2004, na União Europeia, éramos apenas 15 países; em 2014, quando saí de Presidente da Comissão Europeia, e hoje, somos 28, ou seja, apesar de todas as crises — e com certeza que leram ao longo dos últimos anos tantas notícias negativas sobre a Europa o declínio da Europa, a crise da Europa, a crise do euro, etc.... A verdade é que, apesar de todas essas crises, a União Europeia foi capaz de quase duplicar o número dos seus membros, de 15 para 28, e os países foram aprendendo a partilhar a sua soberania, uma espécie de laboratório da globalização, na medida em que, se queremos pôr uma ordem global neste mundo tão complicado, precisamos de saber partilhar as nossas soberanias; e foi, por isso, com grande orgulho que, em Novembro de 2012, recebemos o “Prémio Nobel da Paz” para a União Europeia.

Eu tive a honra de ir receber a Oslo o “Prémio Nobel da Paz” em nome da União Europeia, porque foi reconhecido que a União Europeia tem dado uma grande contribuição para a Paz no Mundo. E aqui toco num ponto importante, a Paz, ou seja, um objectivo essencialmente político: e aquilo que tem de interessante a experiência europeia é que foi capaz, através da integração económica, através de interesses comuns do ponto de vista económico, de dar um passo em frente a favor de um objectivo eminentemente político que é a Paz, de forma a tornar hoje em dia praticamente

impossível a ideia da guerra na Europa, entre os países que fazem parte da Comunidade Europeia.

Eu penso que aqui há uma lição a tirar para as outras partes do Mundo, ou seja, como é que se pode criar uma interacção económica, eu até ia dizer uma cumplicidade económica, que permita tornar a Paz irreversível; isto é, a globalização suscita também a questão de uma Nova Ordem Mundial, a Ordem Mundial da Globalização. A globalização precisa da Paz porque, se o Mundo voltar a situações de guerras descontroladas, obviamente que todas as estas trocas económicas, financeiras, comerciais e também humanas se tornam mais difíceis e é por isso que há, hoje em dia, uma reflexão sobre a Nova Ordem da Globalização.

Será que as instituições criadas a seguir à 2ª Guerra Mundial, desde as Nações Unidas às próprias instituições de Bretton Woods, Fundo Monetário Internacional ou Banco Mundial estão adaptadas ao Mundo de hoje? Aparentemente elas necessitam, pelo menos, de uma reforma, estas instituições. E é aqui e neste contexto que eu vejo como positivas todas as iniciativas que possam contribuir para uma globalização controlada, i.e., para uma globalização não como ameaça, mas uma globalização que possa ser uma oportunidade.

É neste contexto, e.g., que vejo como positivas as iniciativas das Novas Rotas da Seda lançadas pela China.

Eu próprio tive a honra, quando era Presidente da Comissão Europeia, de trocar opiniões sobre esta matéria com o Presidente Xi, o Presidente da República Popular

da China, que não só visitou oficialmente as instituições europeias, visitou Bruxelas, mas também numa das nossas cimeiras aqui em Pequim, falou connosco sobre o assunto. Como é que poderíamos desenvolver estas Novas Rotas da Seda? Não apenas terrestres, mas marítimas.

Se olharmos o Mundo — nós falamos de Europa e falamos da Ásia, mas, na realidade, se olharmos bem o Mundo e o mapa —, verificamos que se trata de um só Continente, a Euro-Ásia; é uma enorme massa de terra que vai de Portugal, desculpem dizer outra vez Portugal, mas a verdade é que o ponto mais ocidental da Europa é o Cabo da Roca, não muito longe de Lisboa, o Continente Europeu vai de Portugal até aqui, até à China e mesmo também outros pontos, outros pontos deste Continente Asiático; portanto, tem sentido, faz sentido, do ponto de vista económico e político, pensarmos no modo como ligar a Europa e a Ásia, como estabelecer mais vias, incluindo vias físicas de infraestrutura que possam unir a Ásia à Europa, possam fomentar o comércio e, esperamos nós, para além do comércio, também, melhores relações, mais trocas do ponto de vista de contactos humanos, de contactos entre pessoas. É por isso que eu apoio a ideia da Rota da Seda no sentido do Continente Euro-Asiático e, também, as rotas marítimas (Macau é uma expressão), ou seja, não apenas no continente, aqui nesta região da Ásia-Pacífico, mas que liguem de forma mais intensa Ásia e Europa e outros Continentes. Porque tem de ter soluções, e aqui toco outro conceito importante da

globalização, soluções em que todos possam ganhar, as chamadas soluções “win-win”, como se diz em inglês, ou seja, em que aquilo que um ganha não é o que o outro perde, mas em que ambos ou, neste caso, vários dos participantes possam também ganhar com o incremento geral do comércio, do investimento e das oportunidades de conhecimento e de cultura também.

É por isso que hoje em dia temos que desenvolver novos mecanismos de governação global e que os países, os nossos países, têm que ter a inteligência, sabendo defender com certeza os seus aspectos nacionais, os seus interesses, mas serem capazes também de ponderar os interesses dos outros. Há quem diga “mas isto não será ingenuidade?” “Não será um bocadinho de ingenuidade pensar que os países, os diferentes governos vão pensar menos nos seus interesses e pensar mais nos interesses dos outros?”

Eu sinceramente penso que não é ingenuidade, penso que é inteligência estratégica. A inteligência estratégica está em sermos capazes em defender o nosso interesse, pensando no interesse global.

É essencial, no modo como a China pode ser vista fora da China, que o crescimento da China apareça como uma oportunidade, desde logo para os chineses, com certeza, mas também para o crescimento global. É isso que diz a inteligência estratégica, é isso que recomenda a prudência e o bom senso político; é que sejamos capazes de defender os nossos interesses numa perspectiva global. Jean Monnet, que foi um dos fundadores, um

dos pais fundadores da Comunidade Europeia, nas suas memórias, acaba dizendo que a Comunidade Europeia, no sentido de ser uma união de países, é, de alguma forma, ou pode ser o prenúncio de uma futura Ordem Global, uma Ordem Global em que cada país seja orgulhoso da sua própria identidade, mas também aberto aos outros.

Como disse um autor francês, “o patriotismo é o amor daquilo que nos pertence mas o nacionalismo pode ser o ódio dos outros.” Esta distinção entre patriotismo e nacionalismo é importante, ou seja, podemos ser orgulhosos daquilo que cada um dos nossos países representa, mas, ao mesmo tempo, evitarmos as tentações nacionalistas de vermos os outros necessariamente como inimigos.

Eu penso que esta é a inteligência estratégica, isto vai definir o futuro e, por isso, é importante que os diferentes governos se entendam quanto à necessidade de respeitarem bens públicos globais, i.e., coisas que devem ser defendidas independentemente do interesse nacional, como, e.g., as alterações climáticas.

Temos uma posição que evita que o nosso Mundo se destrua com excessiva poluição; é importante termos um êxito agora na conferência que vai ter lugar em Dezembro, em Paris, para a qual, aliás, a China já deu contribuições importantes. Mas que as principais economias se entendam quanto ao modo de limitarem a emissão de gases de efeito de estufa que podem pôr em perigo a sobrevivência do nosso próprio planeta, porque

é neste planeta, como Humanidade, que vamos continuar a viver.

Usei agora o conceito de Humanidade; acho que é um conceito importante – *Mankind*, Humanidade – todos nós pertencemos a esta ou àquela civilização, a esta ou àquela cultura, a este ou àquele país, mas fazemos parte do género humano.

Houve um autor inglês que teve problemas com o pai e que disse uma vez do seu próprio pai: “o meu pai adorava a Humanidade em geral, mas detestava cada indivíduo em particular.” Ora, não é este amor à Humanidade que eu refiro. Eu refiro-me ao amor à Humanidade, a cada homem, a cada mulher, a cada criança, por que a verdade é que as categorias históricas passam, os partidos, as políticas, os governos, tudo isso, a história, de uma forma ou de outra vai ultrapassando, mas aquilo que conta, no final, é cada ser humano, cada homem, cada mulher, a capacidade de poder realizar-se pela cultura, pela ciência, é aí que está o fundamento, de um ponto de vista filosófico, penso, o fundamento da actividade de qualquer política; é por isso que devemos trabalhar, sem ilusões mas com entusiasmo, por uma Ordem Global que respeite estes valores, os valores da Paz, do Desenvolvimento e da Dignidade da Pessoa Humana. E eu espero, espero sinceramente, que a Europa, a China, que todos nós que temos hoje em dia uma palavra importante a dizer sobre o futuro do Mundo compreendamos isto – a necessidade de trabalhar harmoniosamente por um Mundo que se baseie nos

valores da Paz, do Desenvolvimento e da Dignidade da Pessoa Humana.

Violeta (aluna):

Bom dia, Sr. Dr. Barroso. Chamo-me Violeta e sou aluna do Curso de Tradução e Interpretação chinês-português da Escola Superior de Línguas e Tradução.

A Nova Rota da Seda agora está a criar novas oportunidades para a colaboração global e o desenvolvimento. Na minha opinião, estas novas oportunidades abrem muitas portas para o nosso desenvolvimento profissional. Que conselho dá aos estudantes de Macau a fim de se prepararem para este futuro mundo? Muito obrigada.

Dr Durão Barroso:

Em primeiro lugar queria felicitá-la, fala um português excelente. Já ontem dizia aqui ao Professor que ele também tem uma excelente pronúncia de português, e, por isso, eu quero felicitar, mais uma vez, o Instituto Politécnico de Macau. Os senhores estão a dar uma excelente formação na língua portuguesa.

Eu acho que isto abre novas oportunidades. A globalização, para vocês, jovens, é uma coisa fantástica, porque vocês podem, para já, viajar; e.g., eu, quando tinha 18 anos, na altura, para ir de Portugal para Espanha era muito difícil, havia fronteiras, havia passaportes, hoje em dia não, hoje em dia, na Europa, vai-se de um lado a outro sem passaportes, sem nada praticamente; há uma abertura extraordinária; e já pensaram que hoje,

hoje qualquer pessoa, mesmo pessoas de classe média ou até pessoas que não têm grandes recursos podem viajar pelo mundo inteiro? No passado, só as pessoas muito ricas é que podiam fazer isso. Bom, e alguns tempos atrás nem sequer os muito ricos podiam, porque não havia meios técnicos de viagem. Portanto, a vossa juventude, a vossa geração vai ter mais oportunidades de conhecer outros países, outros continentes, de levar também a vossa própria cultura, neste caso a cultura de Macau, a cultura chinesa, a outras partes do mundo. E mais concretamente, do ponto de vista profissional, falar várias línguas é cada vez mais necessário hoje, porque, como as trocas são maiores, há mais oportunidades.

Ontem, falando com o vosso Presidente, do vosso Instituto, Senhor Professor, ele disse-me que estão a criar na China, já neste momento, mais de 30 universidades na China onde se estuda o português e está a haver cada vez mais. Não é apenas por Portugal, que é um país que tem 10 milhões de habitantes, mas pela lusofonia. O português é a 3ª língua do Ocidente como língua materna. O Inglês, o Espanhol e o Português são as mais importantes línguas. De Angola, Brasil, outros países, vai haver cada vez mais trocas com a China; e a China também tem muitos interesses, e.g., nestes países, portanto, vocês que estão a aprender outras línguas e neste caso concreto português, penso que estão a fazer uma boa aposta na vossa vida profissional e eu desejo-vos muitas felicidades.

Além da parte profissional, há a parte cultural, porque, quando nós aprendemos outra língua (eu estudei cinco línguas, eu falo português, francês, inglês, espanhol, entendo italiano e também falo italiano e também estudei alemão, portanto, seis, e também estudei latim clássico, latim; portanto, o que estou a dizer não é apenas propaganda, é mesmo verdade porque foi o que eu fiz), e uma língua é um acesso a outra forma de ver o Mundo, outra cultura. Enriquecemo-nos sempre que aprendemos outra língua. Infelizmente, não tive ainda ocasião de aprender o chinês, mas agora que sou professor aqui (interrupção do Presidente do IPM: agora que está em Macau e tem condições para aprender!); mas nós também dizemos em Portugal que “burro velho não aprende línguas”; não sei se diz aqui isso...

Bom, a verdade, a verdade é que uma língua é uma forma de entrarmos noutra cultura e de aprendermos nessa troca. Do ponto de vista profissional, acho que as Novas Rotas da Seda, propostas pelo governo chinês, abrem essas oportunidades e eu espero que aqueles que estão a aprender o português ou outras línguas também possam beneficiar profissionalmente com isso.

Jasper (aluno):

Good morning Dr. Barroso. My name is Jasper, I'm a student from the Chinese-English Translation and Interpretation Programme. May I ask you a question in English, please? Thank you.

Some people think that the first waves of globalization happened with the emergence of the Old Silk Road and it is evident that the Old Silk Road promoted socio-cultural exchange between the East and the West. However, now many people have discussed how the New Silk Road is mainly focusing on socio-economic development. So, Dr. Barroso, in your opinion, do you think that the New Silk Road will also have some cultural impact, internationally? Thank you.

Dr Durão Barroso:

It's true the Old Silk Road made contacts between, for example, Asia and Europe. It was very important but I think the first globalisation, being truly global – involving not only Asia and Europe, but Africa and the Americas also – was only possible with the Navigations as said in my introductory remark. The Old Silk Road was extremely important in terms of exchanges, namely in terms of trade and also in cultural terms, but the real potential of globalisation was unleashed, was possible to be liberated, through the Navigations because that was the real global concept, going beyond the Eurasian continent, linking also with Africa and the Americas that, at that time, were very distant from Europe or from Asia. In fact, it was not known. Some centuries ago, those living in Asia or in Europe did not know there was a continent called afterwards America, North America or South America.

Now, responding directly to your question, my answer is yes. The New Silk Road, I hope, will promote also cultural exchanges. As I have said to your colleague earlier, I think it is important to see these developments in trade and investment not only economically but to consider the cultural dimension for reasons I have expressed in my preliminary remarks. At the end, what counts more is culture; of course instrumentally economics is very important but, I think it is important, and that is also why it is important in the economic exchanges, to have in mind the cultural and historic aspects. During the discussions I had just now with the Secretary for Social Affairs and Culture, and yesterday, with the Chief Executive of the Special Administrative Region of Macao, they both told me that they are very interested in developing Macao's specificity. So economically for Macao it is also important to cultivate its heritage recognised by UNESCO, for instance, and that shows culture also has an important economic dimension.

In the European Union, when I was there in the Commission, we conducted some studies about the value of culture for our economies and according to some statistics, the cultural industries, from theatres and operas to cultural exchanges, together represent 4% of GDP, which is very important. I am one of those who think that culture is a good in itself independently from economic interests, that cultivating culture is important

in itself, but for those who have more of an economist's perspective on the world, I would also advise them to invest in culture because it brings value-added to your operations. So, to cut a long history short, I hope that in this new concept the Chinese authorities are promoting of a New Silk Road, the cultural dimension and cultural exchange are also present because of not only what it can bring in terms of economic value-added but also the opportunities for cultural self-fulfillment of the citizens.

Ivo (aluno):

Sr. Dr. Durão Barroso, bom dia. Chamo-me Ivo Vital, sou aluno de português de intercâmbio e por três vezes entrevistador de antigos primeiros-ministros portugueses, curiosamente todos eles do PSD.

Aproveitando a sua deixa do latim, no *genius saeculi* actual temos por axioma que a globalização teve no séc. XX um efeito muito profundo na aproximação global, aliás este século, o presente século é evidência clara deste efeito. Dito isto, quero colocar-lhe a seguinte pergunta:

Como é que visiona o Mundo nas próximas duas décadas? Muito obrigado.

Dr Durão Barroso:

Muito obrigado. Adeus. Isso é um título para mais uma conferência. Tenho que voltar cá mais vezes porque o Mundo nas próximas décadas é difícil de prever. O que eu penso é o seguinte: em termos gerais, a evolução

do Mundo, a meu ver, é positiva. Se quisermos fazer um gráfico, é uma linha ascendente, mas não é uma ascendente linear, é uma linha ascendente com vários acidentes, mas ascendente, ou seja, quando hoje muita gente diz que o Mundo é perigoso, que o Mundo está mal, que o Mundo está em grande crise, essas pessoas não têm bem um conceito da história. A verdade é que, hoje em dia, em geral, em média, a população está melhor do que estava há 40 ou 50 anos atrás ou há 2 ou 3 séculos atrás. O colonialismo acabou; pode haver uma situação ou outra mas acabou o colonialismo; acabaram-se situações como as que havia do Apartheid na África do Sul.

As mulheres hoje têm muito mais direitos do que tinham no passado, embora não haja ainda uma equiparação de direitos total entre mulheres e homens; mas, hoje em dia (eu vejo aqui tantas alunas), as mulheres têm uma força nas nossas sociedades que não tinham durante séculos. E já pensámos bem os talentos que foram perdidos por causa de as mulheres estarem numa posição de relativa submissão?

Porque é que as mulheres não hão-de ser e não hão-de ter exactamente as mesmas capacidades de expressão que os homens? Se formos a ver os dados estatísticos mais precisos, em termos de desenvolvimento económico-social, mortalidade infantil ou esperança de vida, hoje em dia, estamos muito melhor que há 10, 20 ou 30 anos atrás. A China, e.g., que é o maior

país do Mundo em termos demográficos, se lermos os indicadores económicos e sociais, verificamos que houve um progresso imenso, ou seja, eu sou daqueles que têm uma visão optimista da Humanidade e da História. Há, eu penso, uma ideia de progresso, mas também não sou ingénuo; a verdade é que a história, por vezes, tem situações de refluxo, onde há atrasos. Há coisas horríveis como foram as duas Guerras Mundiais, que começaram na Europa, mas que foram Guerras Mundiais.

Há fenómenos, como hoje em dia vemos, de terrorismo, de fanatismo, de extremismo, que são absolutamente condenáveis. Há, pois, muitos riscos também no Mundo. Mas, repito, a tendência é uma tendência positiva com acidentes; pode haver, aqui e além, alguns retornos. E, por isso, se me pergunta como estará o Mundo daqui a duas décadas, eu acho que os indicadores globais vão continuar a ser positivos. Mas penso que nada está adquirido; a História não é uma fatalidade, a História é aquilo que nós fazemos dela; é aquilo que vocês, muito mais novos, vão fazer dela. E, por isso, é importante trabalharmos para a Paz; é importante trabalharmos para evitar que novas guerras globais possam fazer regredir muitas das conquistas da Humanidades que foram alcançadas ao longo de séculos, como aquelas que há pouco referi. Nada está escrito. À partida não pode haver nesta concepção da

História, pelo menos na minha, uma ideia fatalista de que está tudo determinado. As tendências são positivas em termos de progresso, mas temos de trabalhar para que essas tendências se consolidem e para que não haja uma regressão histórica como às vezes aconteceu.

Há países, felizmente só uma minoria, mas há países em que hoje a esperança de vida é menor do que era há 20 ou 30 anos atrás, em que a pobreza aumentou, embora, a nível global, a pobreza tenha vindo a regredir.

Claro está que temos que evitar qualquer situação de complacência, de estarmos muito contentes com nós próprios. Não; ainda há situações terríveis no Mundo, ainda há mães que querem dar de comer aos seus filhos e não conseguem, pessoas que morrem de fome. Ainda há situações em que as pessoas morrem por falta de água potável ou situações em que, hoje em dia, não se consegue imaginar, pessoas morrem de doenças que são perfeitamente curáveis.

Eu, durante as minhas funções, visitei muitas destas regiões, Darfur, e.g., em África, até às situações terríveis, hoje em dia, de refugiados, como aqueles que fogem da Síria para a Europa porque o seu país está a ser destruído, completamente destruído. Eu estive nos campos de refugiados na Jordânia –Zaatari – e também na ilha de Lampedusa, Itália, onde recebemos milhares e milhares e milhares de refugiados. Portanto, há situações

terríveis no Mundo inteiro, mas, repito, a tendência geral é positiva e, por isso, eu quero acreditar que o Mundo daqui a 20 anos seja um Mundo melhor do que aquele que temos hoje.

Para isso é importante que grandes blocos como são a China e a Europa se entendam e que o Mundo não seja dominado por uma ou duas potências, mas que seja capaz de se organizar de forma multilateral, com os tais princípios da governação global que eu há pouco referi, nomeadamente o objectivo da Paz. Pelo menos é essa a minha visão.

Agora compete-nos a nós trabalhar para realizar, sabendo que nada à partida está garantido e vocês, os mais novos, os mais jovens, vão ter ocasião de dar um contributo nesse sentido.

(Transcrição)

譚俊榮博士

澳門特別行政區政府社會文化司司長



五百年來，澳門一直扮演著中西溝通橋樑的角色。這個位於珠三角的小城中，文化在此處年復一年相互交融，經歷多個世紀，讓澳門一直擔當親善和諧的角色。澳門是中國領土的一部分，中國的文化與歷史根植澳門，另一方面，葡萄牙管治了這片土地多個世紀，兩國賦予了澳門這個獨特的身份。

今日，澳門理工學院頒授最高榮譽以表致敬的這位人士，多年來一直擔任著建立對話的推動者，他就是巴羅佐博士。

在擔任葡萄牙外交部部長時，他在葡語系國家，以至世界各地成就了多項共識，同時亦是解決不少的矛盾的關鍵人物。

擔任葡萄牙總理及其後的歐盟委員會主席，他亦一直秉持著這志向，在處理政治爭端時尤其表現突

出，常以謹慎、耐心、熟練的外交技巧促成各方達成協議。

巴羅佐博士以其自身的專業及智慧，立足於歐洲建設以至各國共建和諧的進程當中，他無疑是位擁有輝煌經歷、非常傑出的葡萄牙人。

今日，澳門理工學院向巴羅佐博士頒授一項最高榮譽，一方面彰顯了學院精益求精的態度，另一方面亦體現了學院把葡語教學及培養雙語專業人才視為工作的重點之一，對此，本人向理工學院表示祝賀。

事實上，葡語教育在這塊融入多元文化、互相交流，具有包容與發展普世價值的國際性城市中，已經成為澳門教育重要的組成部分。葡語不僅是具有多種文化元素和歷史底蘊的語言，而且對於澳門能否成功作為中國與葡語系國家溝通與交流的重要平台，也起著決定性的作用。因此，在葡語教學方面投放資源具有深遠意義，它將為拉近不同文化、不同國家及人民的距離作出貢獻。

我們希望將澳門打造成為亞洲葡語培訓中心。為此，澳門理工學院一直不懈努力，在為中國內地的教師培訓方面，扮演了重要的角色。

女士們、先生們，

尊敬的澳門特別行政區行政長官閣下希望參加此次活動。由於不能親自出席，所以委派本人作為代表，我感到非常榮幸。值此機會，本人向尊敬的巴羅佐博士深表致意！

我們不會忘記巴羅佐博士在不同的職位上，永遠都是澳門的朋友。

這次重逢，使我們能藉此機會向閣下的傑出職業生涯表示敬意，同時澳門理工學院向閣下授予名譽教授聘書，亦為學校新的項目的發展帶來希望。我們更感榮幸的是，澳門理工學院的名譽教授中，增添了一位有著非凡人生及卓越政治成就的人物。

我們非常高興閣下能夠接受所授予的名譽教授聘書，並且在接下來的研討會上分享閣下對全球化與“新絲綢之路”的見解。

全球化拉近了不同國家之間的距離，族群關係愈加密切，化解了障礙，促進了文化間交流對話。閣下正是推動世界融和的佼佼者之一。

非常感謝！

（原文以葡語發表。

譯文來源：社會文化司司長辦公室網頁）

李向玉教授

澳門理工學院院長



今天，澳門理工學院高朋滿座，喜氣洋洋。正所謂“有朋自遠方來不亦悅乎”！葡萄牙前總理、歐盟委員會前主席、葡萄牙、瑞士、美國著名學府的教授巴羅佐博士，跨越歐亞大陸，遠道蒞臨澳門理工學院，出席澳門理工學院授予他名譽教授的儀式，並將發表“二十一世紀的全球化：從新絲綢之路到大陸間的其他聯繫”的演說，我院乃至全澳門蓬華生輝，無上榮耀！

巴羅佐博士是當今聞名遐邇的政要和學者。他擅長政治斡旋，多次參與有關國家錯綜複雜的政治談判，促成了雙贏/多贏結局；他學術造詣頗深，榮膺歐美諸多學府的教授。邀請巴羅佐博士擔任名譽教授，表達了澳門理工學院乃至全澳門，對巴羅佐博士斐然的政治業績和精深的學術建樹的崇敬和欽佩。

澳門理工學院作為澳門公立的高等教育機構，以“普專兼擅，中西融通”為校訓，以“紮根澳門，服務社會”為方向。在辦好既定的實用型課程的同時，致力於發揮葡語教學的優勢，做好葡萄牙語言、文化的推廣和師資培訓工作。我們相信，巴羅佐博士將與澳門理工學院已經聘請的美國前國務卿基辛格、中國外交部前部長李肇星、中國氣象局前局長秦大河、1983年聯合國和平獎得主池田大作等名譽教授一道，成為保證和提高澳門理工學院教學質量、構建和拓寬我院對外學術交流管道的不可或缺的動力。

使我們感到榮幸的是，澳門特區政府社會文化司司長譚俊榮博士代表行政長官蒞臨此次頒授儀式，彰

顯了澳門特區政府把澳門打造成為中國與葡語國家交流平台的信心和決心。我謹代表全院師生對此表示深深的敬意。譚司長的蒞臨指導，對我院積極配合落實澳門特區政府的高等教育方針，發揮葡語教學優勢，是莫大的鼓舞。

最後，我們衷心祝賀巴羅佐博士成為澳門理工學院的名譽教授；由衷感謝各位嘉賓、各位朋友的蒞臨。

謝謝大家！

（譯文，原文以葡語發表）

巴羅佐博士

前歐盟委員會主席、澳門理工學院名譽教授



首先，感謝澳門理工學院授予我此項榮譽，對之我深感榮幸。感謝卡洛斯·安德烈教授在剛才講話中對我的讚譽，他不單描繪了我在葡萄牙及歐洲的人生歷程，也肯定了我對澳門和中國的情誼和工作。感謝社會文化司司長譚俊榮博士代表澳門特區政府出席今天的儀式，也感謝在場的中國政府代表的到來。

這份榮譽，除卻對我個人的意義，我希望把之視為澳門理工學院為促進與葡萄牙、歐盟以及我服務十載之歐盟委員會合作的一項舉措。事實上，不論在葡萄牙政府或歐盟委員會，強化中國（尤其澳門）與葡萄牙和歐盟的友好關係一直是我的工作重點。

當我還是年輕的葡萄牙外交部長時，我曾參與關於澳門政權過渡的中葡協商，這事對中葡兩國均很重要。今天，在台上以及在座的各位中，我看到了那時與我一起參與此事的一些工作夥伴；昨天，我也見到了澳門特區行政長官。我十分欣慰今天能在澳門，見證澳門的繁榮穩定和美好前景，也樂見澳門延續其歷史傳承，堅持面向世界的開放態度。

我十分高興，澳門及中國政府把這個區域的戰略目標定為世界旅遊休閒中心以及中國與葡語國家經貿合作服務平台，這目標面向的不止是葡萄牙，也包括巴西、東帝汶以及非洲的葡語系國家。在實現這些戰略目標的協作中，澳門理工學院一直作出實實在在的貢獻，積極推動著中國的葡語人才培養以及葡語系國家的漢語人才培養。在這些領域，理工學院展現了其核心地位，也促進了中國與世界各國的友誼，特別是

自澳門展開的中葡友好關係。因此，在此衷心感謝澳門理工學院院長李向玉教授及其團隊的工作。

澳門忠於其歷史文化傳承，也引以為傲，在未來的發展規劃中其自身優勢與特色越見突顯，對此我十分欣賞。現在，作為理工學院的一員，我將盡我所能作出貢獻。一如安德烈教授所言，我想我應該會把學術看得比政治重要一些（抱歉，各位政界同僚）。政治雖重要，但僅是工具，其價值體現在實現人們的共同目標，而人們則通過學習知識、科學、藝術和文化來正心修身、成就自我。因此，當處於像澳門理工學院這樣的文化殿堂、科學殿堂、教育殿堂之中時，我最感到自在。希望在今天以後，我能為更緊密的澳門與葡萄牙、中國與歐盟關係作出貢獻！

謝謝這份榮譽，謝謝各位！

（筆錄譯文）

卡洛斯·安德烈教授

澳門理工學院葡語教學暨研究中心主任



機構如同人生，總會有些令人銘刻在心的重要日子，雖經歲月磨蝕，但永志不忘。他們是歷史的記錄，是身份的象徵，猶如遠古的碑刻，為未來的記憶留下亙古不變且意義深遠的深刻印記。

對一所學術機構來說，授予名譽學銜，意義深遠，莊嚴慎重，受銜者才望高雅，無疑就是這樣一個激動人心，令人仰止的時刻。

今天便是這樣一個日子。我們十分榮幸迎來了若澤·曼努埃爾·杜朗·巴羅佐博士這位主掌歐洲命脈十載的學者，加入澳門理工學院引以為傲的名譽教授隊伍。這支光榮隊伍包括了享譽全球的基辛格博士、學術泰斗阿德里安諾·莫雷拉教授等重要西方學者，以及李肇星教授、秦大河教授、池田大作教授等著名東方學者。隨著巴羅佐博士的加入，這支隊伍將更為壯大，更使澳門理工學院光彩琉璃、滿壁生輝。

巴羅佐博士的人生歷程有著一個明顯的特點：他個人一直希望將自己的時間奉獻給學術，但在每一段從事學術的路途上，又總遇上十字路口。因著公共事務及民眾運動的召喚以及強烈的責任感，他一再推延其學術追求，獻身於公共事務、社會活動之中。

巴羅佐博士畢業於里斯本大學法律系，曾任該校講師。他以優異成績於瑞士日內瓦取得碩士學位，並在那擔任學術人員，有著光明的學術前景。此前曾在意大利佛羅倫薩歐洲學院研讀。1985年，應葡萄牙政府之召出任葡萄牙內政部助理國務秘書，其從政生涯自此展開。

巴羅佐博士在內政部任職不久，即被發現擁有外交特長，善於與不同族群、不同國家人民相處和溝通。不久以後，尚在年紀甚輕之時，即被任命為葡萄牙外交暨合作事務國務秘書，五年後更成為葡萄牙外交部部長，還連續當選為葡萄牙國會議員，仕途似乎就此塵埃落定。

然而，政治生活的反復無常讓他有著重回學術界的空間。這次，在華盛頓久負盛名的喬治敦大學延續其教研生涯。但在美國不久，公共事務又再次打消其在學術界長遠發展的意向。危機總會發出召喚，葡萄牙的一場政治危機促使他於1999年回國，領導反對黨贏得大選勝利。

同樣地，他在國家處於艱難時刻時出任葡萄牙總理（2002-2004）。當時，一場席捲西方社會的經濟危機已見端倪，西方主要經濟體連連遭遇各種衝擊，人們都認為巴羅佐博士會在總理位置上服務好一段時間。然而，又一次召喚來臨。2004年，他應邀擔任歐盟委員會主席，接受挑戰，領導舊大陸國家走向團結。他於2004年當選，2009年連任。在這十年裡，他掌握著歐盟的命運，在巨大變革的時代裡，從艱難和險阻中努力尋求對話和建立共識。

巴羅佐博士來自只有千萬人口的葡萄牙（其人口甚至少於中國任何一個大都市），他以常理和協商一致的原則領導著重要的世界政治軸心之一。他能夠成功連任，足見其在領導、調停，以及在不可能中尋求對話，搭建溝通橋樑的能力。

歷經多年的政治生涯之後，巴羅佐博士如今再次重返學壇，於久譽盛名的美國普林斯頓大學執教。在他身上，大學和政治以及崇高的公共服務始終交織在一起，他的貢獻廣獲不同國家和機構的肯定。

巴羅佐博士獲許多國家頒授最高榮譽及勳章，當中包括：法國、西班牙、保加利亞、波蘭、匈牙利、巴西、象牙海岸、秘魯、佛得角、愛沙尼亞、立陶宛、日本、荷蘭、德國、芬蘭等，當然也包括他的祖國葡萄牙。

他獲得許多不同類型的嘉獎和榮譽，好一部份來自名聲顯赫的政治機構或社會團體。他也被許多國家的許多城市授予榮譽市民稱號。這些褒獎和榮譽無不反映出他對社會的貢獻，以及廣大民眾對他的認可。

這是當然的。巴羅佐博士在解決許多國際難題上發揮積極作用，特別是調解安哥拉、幾內亞比紹、東帝汶和波黑等國家錯綜複雜的衝突上，成績顯著。

巴羅佐博士在政治學、國際關係、葡萄牙和歐洲事務方面出版了大量著述。或許我們可以相信，來自學術界的嘉許最讓他引以為傲。曾向巴羅佐博士頒授最高榮譽學銜（尤其是榮譽博士學位）和勳章的大學多不勝數。這些大學分佈在世界不同的城市，諸如河內、巴西利亞、耶路撒冷、布拉迪斯拉發、蒙古、哈薩克斯坦、海法、里斯本、羅馬、根特、奧克蘭、巴庫、羅茲、日內瓦、布加勒斯特、里約熱內盧、聖彼得堡、尼斯、利物浦、聖保羅、華沙、愛丁堡、華盛頓、熱那亞、都柏林等。此外，巴羅佐博士亦是多所

科學院的榮譽院士和諸多學術機構、著名社團及國際組織的榮譽成員。

今天，澳門理工學院亦與上述國際知名高等教育機構一樣，將名譽教授學銜，頒授予巴羅佐博士。澳門理工學院是中國乃至亞太地區知名高等學府，辦學品質為國際所公認，亦是眾多學生嚮往就讀的高校之一。尤應強調的是校園名師薈萃，特別是那些名譽教授名錄中的著名學者以及從今天起加入的巴羅佐博士，不僅使校園生輝，亦彰顯我們矢志躋身高等教育機構先進行列的願景。

澳門理工學院的發展離不開學生及其成就，更離不開名師大家的支持與肯定。今天向巴羅佐博士頒授名譽教授，不僅是澳門理工學院的榮幸，同時亦增加了我們的責任感。我們深知任重而道遠。

中國偉大的思想家及人類歷史上最偉大的思想家之一孔子曾反復強調一種教育理念，即依據智慧、道德和公義原則實施的精心培訓，是好的統治者的基本特點。如果是這樣，那麼反過來我們可以說那些優秀機構在教育過程中培養的人才就是最優秀的人才。

尊敬的巴羅佐教授，請允許我藉此機會向閣下表示由衷的祝賀，並對閣下成為澳門理工學院教師隊伍及名譽教授中的一員表示熱烈歡迎。這不僅是閣下的榮譽，更是澳門理工學院的榮幸。

（譯文，原文以葡語發表）

巴羅佐博士

前歐盟委員會主席、澳門理工學院名譽教授



二十一世紀的全球化：從新絲綢之路到大陸間的其他聯繫

如較早前所言，今天報告會的主題為“二十一世紀的全球化”。在這個主題之下，我探討的內容也包括中國的新絲路戰略。首先，請讓我介紹一下全球化的一些基本概念。

全球化現在普遍定義為：在國家或區域層面，通過各種方式，加強或實施一些被認定具有世界普遍性的經濟、金融、信息、文化以至政治交往活動的過程。從歷史上看，全球化可以說有幾個不同的階段。

歷史上，有很長一段時間，各大洲之間的聯繫幾乎不存在又或相當罕見。對於第一波的全球化何時發生，部份史學家認為它始於葡萄牙的航海事業，因為它開啟了歐洲與非洲、亞洲和美洲的聯繫，而當中，澳門也有著一個重要的角色，扮演著推動亞洲各地貿易活動的重要介體。隨著西班牙、荷蘭和英國加入航海探索的行列，由葡萄牙啟動的所謂“第一波全球化”獲得了進一步加強，也成就了歷史首次的世界環航。由當時效力於西班牙的葡萄牙探險家麥哲倫率領的此次環航，不單證實了“地球”這個概念，也開啟了自那時持續至今的經濟生活。

繼大航海時代，我們進入其他階段，如在英國開始的工業革命以及讓美國取得霸權地位的第二次世界大戰。而今天，在我看來，我們正處於另一波、不一樣的全球化。

我們自二十世紀末到現在二十一世紀初所感受到的全球化，不論廣度、速度、強度以至性質，均與前例不同，其中一個重要的差異與中國的崛起有關。由鄧小平提出的中國改革開放政策，使中國的經濟迅速增長，與各國的互動愈見頻繁，成為世界人口最多的國家，並重回多個世紀前喪失的世界最大經濟體的地位。事實上，這近數十年的變遷，在過去應需數百年的努力才能實現。以國內生產總值的增長為例，一些歐洲國家過去花了數百年才取得的二至三倍增幅，中國現今只花了數十年便能做到。這很大程度上歸因於現今的國際經濟關係、貿易增長，以及科技進步。

今天的全球化，不同於以往，並非由個別國家或政府所領導或操控。它超越國界，在世界經濟金融變革和科技發展中尋找根基和支持。現實中，科技也不能為個別政府所獨掌，或許有些國家在科技上較為先進，但科技發展，很大程度上，跳脫政治和國界。隨著互聯網與資訊及通訊科技的飛躍發展、文化往來在跨國背景下的日趨重要，我們現今所面對的全球化，已從經濟層面延伸至傳訊層面，我們的商業及投資活動也超越了大多在國家層面進行的金融交往。因此，目前全球化的定義，相當強調那些跨國和超國的特質與領域。

然而，這並不代表國家層面事務無關緊要，在國家層面的決策對如何回應全球化和建立全球新秩序而言相當重要，只是，那些因科技進步和金融交往而產生的各種現象，大多無法在國家層面控制。也因此，人們對全球化的看法並不總是正面的，反而經常視之為威脅、有著污染世界的危險。當前，我們受著國際恐怖主義、金融動盪的威脅，但除卻金融危機，或者更具體地說2008年的歐債危機，我們還有其他國際共同問題，如氣候變化、環境問題。環境污染不會在國界前止步，本質上，污染和所有環境問題都具有跨國特性，需要國際社會共同回應。這些日子，從禽流感感到近期在非洲爆發的埃博拉疫情，我們受著傳染病流行的危害。這正是旅遊出行及其他交往越見頻繁所致，所以說全球化伴隨著危機與害處。

即便如此，我仍相信全球化為我們帶來的影響利大於弊。但不管如何，這已是無謂的爭論，因為全球化必定且已經在進行。如同早前所言，這是沒有人可以控制的。大戰的出現或許會減緩或停止全球化的進程，但沒有人會希望這種情況發生。所以，我們只會繼續有著更多的經濟往來、金融往來、商業往來、人際往來、旅遊出行，以至人與人、國與國的互動。今天，世界強烈趨向於支持全球化，嚮往著更多的貿易發展、更多的投資活動、更廣泛的交流往來。所以我有時候說，抱怨全球化就像抱怨風和雨。全球化的發生如同風雨，不會因我們的意願而有所改變，所以我

選擇相信，它縱使不受我們控制，但仍對我們有利。全球化的核心思想是開放，採取開放的態度，拓展視野，在維護國家或地區身份的同時接受世界，故此，從文化的角度來看，全球化帶來巨大的機遇。

我知道有些人認為全球化具有標準化、單一化的風險。坦白而言，我認為這是過慮了。全球化不一定就等於標準化、單一化；相反，通過讓不同文化、語言、觀點以至文明有所往來，可使溝通的橋樑得以建立，新的對話得以創造，讓無限的文化機遇得以孕育。而我之所以支持全球化，也正正因為它能讓我們開闊視野，讓不同文明與文化從往來中相互學習、相互充實、分享科技成果。我明白，有時候，分享是有限的、是有所保留的，那些較先進的國家也不一定樂意分享，但科技成果以至經濟觀點的廣泛傳播是大勢所趨。

國家雖小，但他面向的市場不一定小。我們在歐洲做了成功的示範，通過歐盟的建立，各國的發展不再侷限於自身二百萬、三百萬、六百萬甚或一千萬的人口，而是面向整個擁有五億人口的歐洲市場。類似情況亦在亞洲出現，新加坡便是一個有趣的例子。新加坡這個細小的城市國家，利用全球化的機遇，通過發展自身特長開拓國際市場，並成為世界經濟勁旅。由此可見，不論從經濟、商業或文化的角度來看，全球化都把我們從狹小的環境中解放出來，所以我樂見全球化的來臨。

無可置疑，我們有著許多問題和困難，如眾所周知的2008年“歐元危機”。縱使此次危機名稱如此，但它並非歐元的問題。既非由歐元所造成，亦與歐元沒有直接關係。此次危機始於美國，由美國雷曼兄弟（世界最大銀行之一）以及北美部份金融機構的先後破產，亦即後來所稱之“次貸危機”所引發。這顯然為歐元帶來重大的挑戰，因為當時（甚至現在），歐盟經濟暨貨幣聯盟體制尚待完善，缺乏應對危機所需的工具。然而，我們那時作出的回應相當重要。

當時的歐盟理事會主席國為法國，所以我作為歐盟委員會主席，與薩科齊總統一同前往美國戴維營與喬治·布什總統會晤。當時的八國集團（G8）只包括美國、日本、加拿大、俄羅斯以及個別的歐洲經濟大國，欠缺中國的參與。我們清楚明白G8峰會已無法有效地針對那時的金融危機制訂全球應對措施，所以我們提出組織世界主要經濟體召開G20峰會，而我們的建議便造就了G20在華盛頓的首次會議和後續峰會的成功舉行。

1930年代，紐約股災引發全球經濟衰退，保護主義政策因而被廣泛實施，使衰退擴大為經濟大恐慌。我們在剛過去的G20澳洲峰會上成功阻止保護主義政策的再次泛濫，避免1930年代的嚴峻情況重現。當然，現時尚有零星的保護主義個案，但國際社會已取得共識，不作自我封閉，使世界保持一定的開放。事實上，現時，G20發揮著首個全球經濟論壇的功能，

具備G8所缺乏的正統性以及聯合國尚未能及的有效性。受限於協商一致的原則，聯合國有時也未能針對重大問題作出緊急決定。

今天，歐盟可謂為全球化的實驗室。眾所周知，歐洲共同體於二戰後由六個國家牽頭組成，包括法國、荷蘭、比利時、盧森堡、意大利，以及戰敗國德國。但今天的歐盟，成員國已達28個。在我擔任歐盟委員會主席的十年裡，儘管當中包含了許多危機和困境以及“歐洲衰落”、“歐元危機”等各種各樣的負面消息，但我仍可體會到歐盟不斷迎難而上，與時俱進。2004年我上任時，我們共有十五個成員國，到2014年卸任時，成員國已達二十八個，近兩倍的增長。各國也逐漸學會分享主權，共同為實現全球新秩序作出試煉。因為這些努力，歐盟於2012年11月榮獲諾貝爾和平獎。我很榮幸能代表歐盟在奧斯陸接受這份榮譽，肯定歐盟為世界和平所作的貢獻。

在此，我希望帶出重要的一點：和平實質上是一項政治目標，一項重要的政治目標。歐洲的經驗揭示著，經濟一體化和共同經濟利益有助於我們為和平這一迫切的政治目標邁出向前的一步。憑藉這樣的經濟手段，戰爭在今天的歐洲社會中基本上是不可能的。所以，如何創造經濟一體化，在我看來，是世界其他地區需要學習的一課。進而，我認為，共同經濟可使和平不可逆轉，因為全球化會同時觸發我們對世界新秩序，亦即全球化的世界新秩序的思考。顯然，在失控的戰爭環境下，各種經濟、金融、商業和人際往來都會變得難以進行。所以，全球化需要和平，而我們亦需要思考如何實現全球化的新秩序。布雷頓森林體系（Bretton Woods System）、國際貨幣基金組織、世

界銀行等這些在二戰後成立的機構，會不會跟上現今社會發展的步伐？顯然，它們需要一定的變革。

在這種背景之下，我正面看待所有可促進全球化可控發展的行動，所有能夠帶來機遇而非威脅的全球化發展舉措，如中國提出的新絲路舉措。我有幸在擔任歐盟委員會主席期間，在布魯塞爾接待中國的習近平主席，就有關戰略交換意見，我們亦曾在北京的一次首腦會議上就同一議題作過討論。到底我們怎樣才能推進包括海陸兩線的新絲路發展？看著地圖，我們會說歐洲與亞洲，但仔細看，我們就會發現，那裡只有一塊土地，那就是歐亞大陸，即從葡萄牙延展開來的巨大陸地板塊。請原諒我在這裡說了葡萄牙，因為歐洲的最西端剛好是距離里斯本不遠的羅卡角。那麼好了，一大遍土地，由自葡萄牙開始的歐洲一直延伸至此，延伸至中國或其他亞洲地區。因此，從經濟和政治的角度來看，把歐洲和亞洲連起來是合理的，這有助於兩地建立更多聯繫（包括可實實在在地把兩地連接起來的基本建設），促進貿易，強化友好關係，以及增進人際往來，而這就是我會支持新絲路戰略的原因。

澳門就是一個實例。雖位處亞太地區，卻能用自己的方式把亞洲、歐洲和其他大洲緊密地聯繫起來。在這裡，我們可以看到全球化另一個重要的概念，亦即“雙贏”。讓所有人都能從中獲益，取得貿易增長、投資增長，以及更多的信息文化交流機會。為此，我們當下必須發展出一套新的全球管治機制，而所有的國家都要具備智慧，在維護國家身份和利益的同時顧及他人。或許有些人會質疑：“這不是太天真了嗎？不同的國家有可能會考慮自己少一點、考慮別

人多一點嗎？”老實說，我一點都不認為這是天真的想法。我認為這是戰略智慧，讓我們做到雙贏的智慧。以外界對中國的看法為例，中國的崛起，我們應該把他看成不單是屬於中國人的機遇，也是促進全球增長的契機。這就是所謂的戰略智慧，這就是所建議的審慎以及良好的政治意識。歐洲共同體的創辦人之一讓·莫內在自傳中這樣寫道：“歐洲共同體，在某些方面，會是未來全球秩序的一個預兆，屆時，各國既能維護國家認同，亦能接納他人。”

一位法國作家曾說：“愛國主義是對自己人的愛，民族主義是對別人的恨。”認清愛國主義和民族主義之間的這個分野十分重要。我們能為國家認同感到自豪的同時，也需避免把他國視為敵人。這份戰略智慧將會重新定義我們的未來，各國政府因而必須明白尊重全球公共福祉的重要，即需要保護但有可能影響國家利益的事物，例如氣候變化。我們有責任避免過度污染破壞我們的世界，因而今年12月於巴黎舉行的會議是否成功至關重要。為了這次會議，中國已做出了重大貢獻。世界主要經濟體需就如何減排達成共識，以讓我們人類所居住的這個星球得以存活下去。

我剛才用了“人類”這一個詞，我認為這是一個重要的概念。我們可以屬於不同文明、不同國家，有著不同文化背景，但我們都是人類。一位英國作家曾經對與他處不來的父親作過這樣一個描述：“我父親愛人類，但憎恨當中的每一個人。”這不是我所指的“愛人類”，我指的是我們要對每一個人都有愛，包括每一個男人、每一個女人、每一個孩子。因為歷史會把群組分類淡化，政府、政黨、派別等等都無法跟上歷史的步伐，最終真正重要的是每一個人以及他

們通過文化和科學成就自我的能力。從哲學的角度來看，這是所有政治活動的根基。所以，我們必須以堅定不移的精神、抱著熱忱的態度，致力創建一個尊重和平、發展和人類尊嚴的全球新秩序。我衷心希望，歐洲、中國以及所有對世界未來有話語權的人們明白這一點：我們需要和諧協作，才能創造出一個體現和平、發展和人類尊嚴價值的新世界。

Violeta (學生)：

巴羅佐教授，早上好！我是中葡翻譯課程的學生Violeta。

新絲路為世界各國創造許多合作與發展機會，我相信也為我們打開許多新的發展之路。可以請您給我們澳門的學生一些建議，讓我們更好地迎接這些機會？

巴羅佐教授：

首先，我要恭喜你，你的葡語說得很好。我昨天也告訴李教授，他的葡語發音很正宗。所以，我要再次恭喜澳門理工學院，你們提供了出色的葡語教學。

我會說全球化開創新的機遇，尤其對你們年輕人，更是一件好事，你們現在可以到處遊走。在我18歲時，要從葡萄牙到西班牙都十分困難，有國界、護照等的阻攔，但現在就完全不一樣了。現在，在歐洲，我們從一個地方到另一個地方完全不需要護照，基本上甚麼都不需要，開放程度真是前所未有。你有沒有想過，現在，任何人，從中產階級到經濟沒那麼充裕的，都可以遊走世界嗎？在過去，只有非常富裕的才可以。有些時候，非常富裕的也不行，因為交通

沒那麼發達。因此，你們年輕一代，有機會認識其他國家，其他大洲。也有機會把你們的文化，也就是澳門和中國的文化，帶到世界其他地方。從職業的角度來看，精通多國語言，在現今的社會中十分重要，因為國際往來越來越多，機會便會越來越多。

昨天，你們李院長告訴我，現在提供葡語課程的內地大學有三十多所，未來還會更多。這不單是為了與葡萄牙這個只有一千萬人口的國家交往，而是為了所有葡語族群。葡語是西方最多人說的第三大母語。英語、西語和葡語是最重要的語言。安哥拉、巴西和其他國家與中國的交往會越來越多，而中國在那些國家的利益也會越來越多。所以，我相信你們當中正在學習其他語言的，學習葡語的，都為未來的職業發展做了很好的決定。我也在此祝你們前程似錦。

另外，學習語言也有文化的部分。我便學了五種語言，我會說葡語、法語、英語和西班牙語。我會看意大利文，也會說意大利語。我也學過德語，所以共有六種語言。我還學過古拉丁語。因此，我不是在喊話，我也身體力行了。語言是一把鑰匙，一把通往世界和其他文化的鑰匙，當我們學習另一種語言時，我們是在充實自己。遺憾的是，我還沒有機會學習中文，但我現在已經是這裡的教授了。（李向玉院長：現在您在澳門就可以這樣做了。）但我們葡語裡也有這麼一句俗語：“老驢不學說話”。不知道你們有沒有這種說法？

語言是一扇通往其他文化的大門，讓我們從交流往來中學習。從專業發展的角度來看，我相信中國政府提出的新絲路會創造這些機會，而我也希望，正在學習葡語或其他語言的你們，能從專業上獲益。

Jasper (學生)：

巴羅佐教授，早上好！我是中英翻譯課程學生Jasper。我可以用英語提問嗎？

有些人說，古代絲綢之路是第一波的全球化，而古絲路也確實促進了中西文化交流。現時關於新絲綢之路的討論多集中在社會經濟方面，您認為新絲路也如古絲路一樣會為國際帶來文化上的影響嗎？

巴羅佐教授：

確實，古代絲綢之路造就了亞洲和歐洲的聯繫，但我認為，第一波的全球化不應該只包括亞洲和歐洲，非洲和美洲也有所參與。這就像我剛開始時所說，只有航海大發現才能做到。就貿易和文化往來而言，舊絲路起了極為重要的作用，但全球化真正的潛能是在航海大發現時期釋放出來，也只有那時才能釋放出來，因為那時的航海活動橫跨歐亞大陸，聯繫上非洲和美洲。那兩個地方當時與歐洲和亞洲都相隔極遠，沒有人知道它們的存在。好幾個世紀以前，居住在亞洲或歐洲的人都不知道美洲的存在。

回應你的問題，我的答案是肯定的。我希望新絲綢之路也會推動文化交流。剛才回答你同學的問題時也說過，我們不應只從經濟的維度看待全球化發展，也要從文化的維度來看，因為最終重要的都是文化。當然，作為工具，經濟十分重要，但我認為它之所以重要是因為當中的文化和歷史維度。在剛才與社會文化司司長以及昨天與澳門特區行政長官的會談中，他們都告訴我，有意發展澳門特色，所以在經濟層面，維護獲聯合國教科文組織認可的文化遺產對澳門十分重要，這就證明文化當中也包含重要的經濟維度。在

歐盟，當我仍在歐盟委員會時，我們針對文化對經濟的價值開展了研究。按照一些統計，文化產業從戲劇、歌劇到文化交流，整體佔國內生產總值的4%，比重很高。我是一個不論經濟利益相信文化價值的人，文化發展本身就很重，但對於那些多從經濟角度看世界的人，我會建議他們投資文化，因為它會為你的事業帶來附加價值。所以，簡而言之，由於其中的經濟附加價值和充實自我文化的機會，我希望中國政府的新絲路戰略除了經濟活動之外，也會帶動文化往來。

Ivo（學生）：

巴羅佐教授，早上好！我是來自葡萄牙的交流生Ivo Vitor。我曾經訪問過三位葡萄牙前總理，而碰巧，他們都來自社會民主黨。

二十世紀末，全球化在許多方面把世界聯繫得更緊密，我們在這個世紀初也繼續感受到這些影響。您覺得未來一、二十年後世界又會變得怎樣？

巴羅佐教授：

謝謝你的問題！這可以是另一個講座的題目了。我想我應該多來這裡，因為世界在未來一、二十年會變成怎樣確實難以預測。我是這麼想的：大體上，世界會向好的方向走。如果用圖表標示，應該是一條向上的曲線。很多人說，現在的世界很危險，走樣了，正處於大危機之中。我想這些人應該都不太熟識歷史。事實上，總的來說我們已經比四、五十年或兩、三百年

前要好得多。現在，殖民主義結束了。或許還有個別特例，但基本上都結束了，像南非種族分離政策類似的情況都已經沒有了。今天，雖然我們還沒有達到完全的性別平等，但女性現在有著前所未有的權利。就像在這裡，我可以看到許多女同學，女性現在擁有她們缺了幾個世紀的權利。我們有沒有想過，因為女性的服從者地位，我們浪費了多少才華？為甚麼女性就不能跟男性一樣擁有話語權呢？

如果我們仔細看看社會經濟發展、嬰兒死亡率或人均壽命的相關統計數據，我們就會知道，我們比十年、二十年或三十年前都要好。以中國這個世界人口最多的國家為例，從各項社會經濟指標，我們可以看到巨大的進步。我是一個樂觀看待人類和歷史的人，我相信人類會進步，但我也不是盲目一昧相信我們只會進步。歷史告訴我們，我們也有開倒車的時候，也會出現兩次世界大戰那樣可怕的事情。就我們今天所看到的，社會也充斥著恐怖主義、狂熱主義、極端主義等絕對應受譴責的現象。所以我說，世界會向好的方面走，但偶而會出現意外，在這裡停一下，在那裡退一下。

所以，如果你問我二十年後世界會怎樣，我會說全球指標將會繼續呈正面發展。但以後的事情沒有定數，歷史不是預設的，歷史是我們創造的，而你們年輕人將會是創造歷史的一群。重點是，我們要為和平而努力，我們要努力阻止另一場世界大戰的出現，以免把我們人類數百年來取得的成果付諸流水。我們不

可以對所有事情產生已經注定的想法。世界發展趨勢是好的，但我們必須作出努力把趨勢變成事實，把發展路上的阻礙物一一移除。

現在，我們還有一些國家，人均壽命比二、三十年前還要低，貧窮問題在全球都有所舒解的時候反而加劇。幸好他們只佔少數，但我們一定不能自滿，安於現狀。各種可怕的情況仍在世界各地發生，仍有母親希望餵養自己的孩子卻無法做到，仍有人死於饑餓和缺乏乾淨的食水，死於可醫治的疾病或各種各樣我們無法想像的狀況。我的工作讓我探訪過許多如非洲達爾富爾的地方，親眼目睹如現在敘利亞難民喪失家園的慘況。我曾到訪過約旦扎阿特里和意大利蘭佩杜薩島的難民營，那裡收容了無數的難民。雖然可怕的事情在各地時有發生，但總體趨勢是好的。所以我相信二十年後的世界也會是好的，但要付諸實現，就需要中國、歐洲及其他較大地區彼此瞭解，以及認識到世界不一定要由一兩個大國所支配。可以按照全球管治的原則，以多邊方式朝和平的目標發展。

這是我的願景，他能否實現就看我們了，因為沒有甚麼事從一開始就能得到保證，而機會就放在你們年輕人的面前，為這個願景作出貢獻。

（譯文，原文以葡語發表及筆錄）

Dr Alexis Tam

Secretary for Social Affairs and Culture of the Macao SAR Government



For almost five centuries Macao, this small city in the Pearl River Delta, has been a bridge between the East and the West, exercising year after year her role as a mediator where cultures meet. China, of which Macao is always an integral part both culturally and historically, and Portugal, which has administered this region for centuries, jointly gave Macao this unique identity.

Today, on this occasion, Macao Polytechnic Institute (MPI) is conferring her highest honour on Dr José Manuel Durão Barroso, a distinctive scholar who has been, for years, a constructor of dialogues.

When serving as the Portuguese Minister of Foreign Affairs, he facilitated numerous cases of consensus building, playing a determining role in solving various conflicts, in both the Portuguese-speaking countries and the wider international context.

When serving as the Prime Minister of Portugal and then President of the European Commission, he continued this endeavour, bringing about compromises in political crises with patience, prudence and tactfulness.

We therefore have here before us an exceptional Portuguese individual with brilliant achievements attained using his expertise and intelligence in promoting the European integration process and the harmony of nations.

Conferring its highest honour upon Dr Durão Barroso, MPI has always been an institution striving for excellence, putting Portuguese language education and training of quality professionals at the top of her list of priorities. I would like to congratulate MPI on this initiative as well as the positive impact it brings to your development.

In fact, Portuguese language education, being developed in this region emblematic of cultural exchange, cosmopolitanism and tolerance, is a strategic direction of development for the Macao SAR Government. It is not only an historical and collective reference but also a determinant of Macao's successfully becoming a platform between China and the Lusophone countries. Equally and undoubtedly, it contributes to bringing people closer together by shortening both the geographical and cultural distances imposed upon us.

We would like to turn Macao into a centre of excellence in Portuguese language education, for which purpose MPI has been playing an important role in teacher training on the Chinese Mainland.

Ladies and gentlemen,

His Excellency the Chief Executive of the Macao SAR wishes to but is regretfully unable to join this ceremony in person. He has designated me as his representative

and it is my great pleasure to be here. I would like to take this opportunity to pay my tributes to Dr Durão Barroso not only for your extraordinary political achievements but also your outstanding academic career.

We will never forget Dr Durão Barroso, no matter in what position, has always been a friend of Macao.

Our reunion here today is a source of joy and pride for all of us. We are joyful not only for the opportunity to pay our tributes to Dr Durão Barroso for his extraordinary career but also for the prospects of new projects that may arise from the title being conferred. We are proud MPI has yet another distinguished individual, of great socio-political importance, among her league of honorary professors.

On this happy occasion Dr Durão Barroso will share with us his views on globalisation and the New Silk Roads in the public lecture following the ceremony. This, surely, is a solid example of the fruits being grown from this initiative.

Globalisation links people closer together, breaks down barriers, minimises distance, and promotes intercultural dialogues, characteristics well personified by our guest of honour.

Thank you!

(Translation from Portuguese)

Professor Lei Heong lok President of Macao Polytechnic Institute



As commonly said, there are distinctions that honour the one who gives more than the one who receives. This saying is truer today than ever when Dr José Manuel Durão Barroso is with us here now to receive the honorary professorship of Macao Polytechnic Institute (MPI). It is our great honour to have Dr Durão Barroso in our league of honorary professors.

While honorary professorship is the highest honour we can confer, it is far from sufficient as a tribute to Dr Durão Barroso's distinguished socio-political and academic contributions.

Being a university professor in Portugal, Switzerland and the United States, the Prime Minister of Portugal, and the President of European Commission are the

three most salient chapters in Dr Durão Barroso's prolific biography devoted to public services. Despite his aspiration to be an academic, the calling of public service for him is always louder and stronger, especially with regard to the gains and advantages for our society.

Dr Durão Barroso has been involved in settling various conflicts around the world. It is not by coincidence that he has been conferred honorary doctorates by prestigious universities on various latitudes. Today MPI joins these universities conferring on Dr Durão Barroso our honorary professorship. We understand well the significance of this duality: professor and honorary. Professor is the highest academic rank in higher education. It is honorary, as we have here, because this rank is bestowed not only to add on to, but also to recognise, the honour and dignity of the recipient. This was the motive for the decision of MPI's governing bodies on the conferment of this title.

Not only is Dr Durão Barroso an important luminary relevant to Europe, he is also a distinguished Portuguese national. This is highlighted because MPI, an institution with pursuance of quality and excellence as our motto, has Portuguese language education as one of our strategic goals and it has been most persistently pursued with fruitful outcomes attained. No matter whether it is our degree programmes, both long-standing and

newly created, or our engagement in teacher training on the Chinese mainland, Portuguese affairs are always a distinctive aspect in our activities as a higher education institution. Dr Durão Barroso kindly accepts our invitation and joins our league of honorary professors consisting of renowned personalities such as Professors Henry Kissinger, Li Zhaoxing, Qin Dahe and Daisaku Ikeda. We are profoundly grateful.

We are honoured that Dr Alexis Tam, Secretary for Social Affairs and Culture, joins us here at this ceremony as the representative of His Excellency the Chief Executive of the Macao SAR. Your presence today, our Honourable Secretary, is a token of encouragement and support to our academic activities, for which we are most grateful.

We are also grateful to all of you who join us in this grand occasion. Thank you! Dr Durão Barroso, once again, welcome to MPI's academic community!

Thank you!

(Translation from Portuguese)

Dr José Manuel Durão Barroso

Former President of European Commission & Honorary Professor of MPI



I would like to thank, in the first place, Macao Polytechnic Institute for this great honour bestowed upon me. I would like to emphasise that I am very touched by this distinction.

I would also like to thank Professor Carlos André for all the kind words addressed to me in his citation. I am truly grateful for such kind words that seek to portray the journey of one who is Portuguese and also European, a true friend of Macao and a true friend of China.

Honourable Secretary for Social Affairs and Culture of the Macao SAR, Dr Alexis Tam, please allow me to thank the SAR Government through your presence and thanks also to the representatives of the Chinese government present at this occasion.

I would like to consider this honour, besides the personal aspects herein referred to, as a token of friendship extended from MPI to my country, Portugal, to the European Union (EU) and the European Commission I had the honour to preside over for the past decade. In fact, during my service with the Portuguese Government and as President of the European Commission, it had always been on my agenda to work towards closer relations between Portugal and China (especially with Macao) and between the EU and China.

As a young Minister of Foreign Affairs of Portugal, I participated in the negotiations for the transition of

Macao, and I can see here on stage and within the audience some of the colleagues I had been working with in this important event for both Portugal and China. I am gratified to be here today, in Macao, and also as in yesterday's meeting with the Chief Executive of the Macao SAR, to see the region is stable, prosperous, true to her long-standing openness to the world, and with a promising future.

I am glad to see the governments of Macao and China define the strategic objectives of the region as a centre of excellence in world tourism and as the platform between China and the Lusophone countries, which include not only Portugal but also Brazil, East Timor and the Portuguese-speaking countries in Africa.

And it is true that Macao Polytechnic Institute has contributed immensely to the collaborations in pursuance of these objectives. I would, therefore, like to express my most sincere admiration for the President of MPI, Professor Lei Heong lok, for your work, namely in promoting the Portuguese language throughout China and in bringing Chinese language education to the Portuguese. In these areas MPI has demonstrated itself to be a pivot and catalyst for relations between China and the rest of the world, in particular those with the Portuguese speaking community which begins from Macao.

True to and proud of her traditions, Macao increasingly projects her speciality to future development, which I most sincerely appreciate. Now that I become a part of this institution, I will make my best efforts to contribute within my capacity. It is true, as Professor André noted, I would probably place academia higher than politics (do forgive me, the politicians). Politics, though important, is instrumental. Politics is of value if it is to realise the common goals of human beings, but human beings realise their common goals through access to knowledge, to science, to art and culture. It is therefore within an institution of culture, an institution of science, an institution of education such as Macao Polytechnic Institute, that I feel particularly at ease. I hope, after this occasion, I can make my contribution to an even stronger relationship between Macao and Portugal and between China and the EU.

Thank you for this honour. Thank you very much!

(Translated transcription)

Professor Carlos André

Director of Portuguese Language Teaching and Research Centre, MPI



Institutions are just like humans. In both's life, there are always moments so important that they are able to resist the ruthless erosion of time. They are milestones in history and signs of identity, just like old tombstones where significant events were marked for future memory.

In the case of academic institutions, the conferment of honorary degrees and titles is, without doubt, one of these moments, on the merits of its meaning, its institutional significance, its solemnity, its nature, and last but not least, the conferee.

Today we are having one of these important moments. It is our great honour to have here Dr José Manuel Durão Barroso receiving our honorary professorship. Among our honorary professors we have internationally prominent personalities like Professor Henry Kissinger, distinguished scholars like Professor Adriano Moreira, and renowned Asian scholars such as Professors Li Zhaoxing and Wang Puqu from China and Professor Daisaku Ikeda from Japan. Dr Durão Barroso is a notable figure having presided over the destiny of Europe for the past decade. With his joining, our league of honorary professors, of which we are proud, becomes even more eminent and vigorous.

There is a distinctive attribute in Dr Durão Barroso's life story. He aspires to embrace an academic career in due time when life agrees, but at every step on this

journey, he has always been confronted with crossroads interrupting his academic pursuance because of the calling of public service and civil activities and the sense of duty. Every time he let academia wait and gave in to public services and commitment to our society.

Dr Durão Barroso graduated from, and has served as a lecturer at, the Faculty of Law of the University of Lisbon. After his study at the European University Institute in Italy, he initiated a promising career in teaching and research in Geneva, where he obtained his Master's degree with distinction. In 1985 he was called upon by the Portuguese government to take up the post of Deputy Secretary of State in Internal Affairs. He accepted and this changed, in some way, his destiny.

Not for long did he stay at this post once his gift in diplomacy and skills in facilitating dialogues between nations and between peoples and states was known. Shortly, at a very young age, he was appointed as Secretary of State in Foreign Affairs and Cooperation, and five years later, Minister of Foreign Affairs of Portugal. Simultaneously he was elected to sit on the Portuguese Assembly of the Republic. Up to this point his fate seemed to be confirmed.

However, the rapid political ups and downs gave him space to return to academia – this time, in Washington, in the prestigious Georgetown University, where he

resumed his postponed engagement in teaching and research.

Before long, we must admit, public service did not permit him to have a prolonged academic life. Crisis is almost always an urge to act. A political crisis in Portugal made him feel the urge to return to his country in 1999 and lead the opposition party into winning the subsequent elections.

Likewise, he served as Prime Minister of Portugal (2002-2004) at a difficult time for the country when the signs of crisis began to threaten the western world and the economy began to worsen. Large western economies were successively battered and people thought that Dr Durão Barroso would remain in position for yet quite some time. However, a new calling was felt. In 2004 he accepted the offer to serve as President of European Commission leading the union of countries on this old continent. He was first elected for this position in 2004 and re-elected in 2009. During these 10 years he presided over the destiny of the European Union always in search of dialogues and mutual understandings even when they were neither easy nor visible in an era of great changes.

Coming from a small country of 10 million people (less than that of any city in China), he directed this important international political axis with common sense and principles of consensus. His re-appointment,

after the first term of office, is testimonial per se to his capacity in seeking to build bridges as deemed impossible, in managing channels of dialogues, in arbitrating and leading.

After all these years, he has once again returned to academia. He is now a professor in Princeton University, one of the most prestigious universities in the United States. What this means is that, in his life, universities are always interwoven with politics and the more noble, public services. His contributions to both areas have been recognised by many institutions and countries.

Dr Durão Barroso has been decorated with the highest ranks by various countries, including amongst others, France, Spain, Bulgaria, Poland, Hungary, Brazil, Ivory Coast, Peru, Cape Verde, Estonia, Lithuania, Japan, the Netherlands, Germany, Finland, and of course, Portugal, where he was born.

He has received a wide variety of awards and distinctions, some of which were conferred by prestigious entities and institutions in the socio-political domain. He is also an honorary citizen of numerous cities in various countries. All of these are unmistakable signs of recognition of his distinguished qualities and contributions to the world.

These are of no surprise. Dr Durão Barroso has taken an active role in settling various international conflicts

and disagreements leading to resolutions that were not easily attainable. His name and his actions were closely associated with the reconciliation of international conflicts as complex as those of Angola, Guinea Bissau, East Timor, and Bosnia and Herzegovina.

Dr Durão Barroso is author of various publications in Political Science, in International Relations, and about Portugal and Europe. Perhaps it is not presumptuous to believe that it is awards and honours received from academia that he is most proud of. Numerous universities have conferred on him their highest honorary titles (honorary doctorates in particular) and medals. These include universities from cities as diverse as Hanoi, Brasilia, Jerusalem, Bratislava, Mongolia, Kazakhstan, Haifa, Lisbon, Rome, Gand, Auckland, Baku, Lodz, Geneva, Bucharest, Rio de Janeiro, Saint Petersburg, Nice, Liverpool, São Paulo, Warsaw, Edinburgh, Washington, Genoa, and Dublin. He is also an honorary member of various academies, academic and research institutions, societies and international organisations.

Today MPI would like to join these notable universities conferring her highest honorary title on Dr Durão Barroso. It is a great honour to have Dr Durão Barroso being a part of MPI.

MPI is a prominent higher education institution in China and the Asia-Pacific Region. The quality of our

education provision, recognised internationally, is evident in our being the goal of many students for their higher education. Likewise, the quality of our faculty should be highlighted, especially our honorary professors, which will include Dr Durão Barroso from today onwards. Dr Durão Barroso's joining is not only a great honour for MPI but also a demonstration of MPI's commitment to join the league of elite institutions of higher learning.

Honourable Secretary for Social Affairs and Culture,
Honourable Dr José Manuel Durão Barroso,
Honourable President of MPI,
Ladies and gentlemen,

A school is bolstered by its students and their performance, by its achievements, by its cohort of scholars and masters, and by the esteem it builds. Our new honorary professor has augmented both our esteem and our responsibilities. We understand we need to live up to them.

Confucius, a most notable Chinese thinker and one of the most influential thinkers in the history of humanity, repeatedly said that education following the principles of wisdom, morality and integrity is fundamental to a good governor. If so, we can say, from an inverse perspective, those being distinguished by outstanding education institutions as the best of the best are, therefore, whom we all should venerate and respect.

Finally, please allow me to welcome Dr José Manuel Durão Barroso again to our league of honorary professors. This is more of an honour for the conferrer than the conferee.

(Translation from Portuguese)

Dr José Manuel Durão Barroso

Former President of European Commission & Honorary Professor of MPI



GLOBALISATION IN THE 21ST CENTURY: FROM THE NEW SILK ROADS TO OTHER CONNECTIONS BETWEEN CONTINENTS

As mentioned before, the topic is “Globalisation in the 21st Century”. Within this context the lecture will cover the Chinese proposal for the New Silk Roads. But first please allow me to introduce some general ideas about the concept of globalisation.

Globalisation can be defined as the process through which certain economic, financial, informational, cultural and even political exchanges are intensified and imposed nationally or regionally in one way or another assuming a truly global or universal nature. This is the commonly agreed concept of globalisation currently. As in history we can say that there were several stages of globalisation; there were centuries in which different continents practically had no contact with each other or such contacts were rare.

Some historians linked the first wave of globalisation with the Portuguese maritime exploration, which, somehow, enabled Europe, for the first time, to have intensive contact with Africa, Asia and the Americas, and incidentally, Macao also had a role to play in this regard as an important mediator in trading throughout Asia. The truth is this globalisation initiated by Portugal and named by some as “the First Wave of Globalisation in Modern Times” was deepened with the participation of Spain,

the Netherlands and the UK. This resulted in the first world circumnavigation. Conducted by the Portuguese navigator Ferdinand Magellan in service of Spain, this voyage proved the concept of a spherical earth and started an economic life sustained since then.

After that came other phases, namely, the Industrial Revolution started in the UK and then World War II in which the US gained its hegemonic role. And today, in my opinion, we are in another wave of globalisation, but of a different kind.

The globalisation we have been witnessing since the end of the 20th century and now at the wake of the 21st century is different from earlier ones in terms of its amplitude, its speed, its intensity, and above all, its very own nature. One more difference, an essential difference, is related to China, the rise of China. The “opening-up” policy of China put forward by Deng Xiaoping has led to an exponential growth in the country’s economy and more active interaction between her and the rest of the world. China, once the largest economy in the world, lost its position for centuries and is now getting it back naturally as the country with the largest population in the world. Frankly, in recent years, we have been able to witness transformations happening within a few

decades which, in the past, would have taken a few centuries. If we look at, for example, GDP growth, it took some European countries several centuries to double or triple their GDPs, but China managed to do it in just a few decades. This is made possible, to a large extent, by global economic relations, the exponential growth in trade and, without doubt, the growth fostered by the enormous advancement in science and technology.

Thus we have today a globalisation which, unlike previous cases, is not directed or controlled by a particular country or government. It transcends national boundaries and finds its root and support in worldwide economic and financial transformations as well as in scientific and technological developments. In reality science and technology are not controlled by any governments. Some countries may enjoy scientific or technological advantages but, to a large extent, developments in these fields are, as just said, beyond politics and borders.

The globalisation we are experiencing now has not only an economic dimension but a significant dimension in communication due mainly to the remarkable development of information and communication technologies (ICT) and the Internet as well as the development of cultural contacts, which become increasingly important in the transnational context. We thus have commercial and investment processes that go beyond financial contacts taking place largely on the national level. The current definition of globalisation

therefore stresses a lot on aspects that are not just transnational but supranational, those that are somehow above or enforced upon the national level.

This does not mean that the national level is not important. It is important in terms of responses to globalisation and the attempts to forge a new global order, but the reality is that states are now faced with phenomena, to a large extent, beyond their control as they arise from scientific or technological advancement or from financial exchange that they can hardly command. Hence, globalisation is not always regarded as something positive. Very often, it is considered as a threat, something dangerous with the capacity to contaminate the world.

Nowadays, we have threats from international terrorism and financial instability. These I will talk about in a while. Apart from financial crises and the 2008 sovereign debt crisis in particular, we also have other problems that are universal in nature, such as climate change and environmental issues.

Pollution will not end at the frontiers of a country. By definition, pollution and all environmental problems are transnational and require a transnational response. These days we are jeopardised by pandemics. From avian or Asian influenzas to the most recent ebola outbreak in Africa, there are threats to global health precisely because of travel, of tourism and other interchanges that are getting increasingly more frequent. Globalisation, thus, comes with both risks and disadvantages.

Even so, I am one of those who think globalisation brings us more good than harm. In any case, this is a worthless debate as, in my opinion, globalisation will surely happen and is already happening. As mentioned, nobody is able to control it. It might be slowed down or stopped if there was war – a widespread war – a situation no one wants, or else, we will continue to have more and more economic exchanges, financial exchanges, commercial exchanges, human contacts, travel and tourism, and other interaction among countries and people.

There is a strong trend today in the world in favour of globalisation: more trade, more investment, and greater exchanges. Therefore, complaining about globalisation, I sometimes say, is like complaining about the wind and the rain. Globalisation happens regardless of our will, but I would like to believe it is not just something out of our control but something that can do us good. The very idea of globalisation is to be open, to expand our horizons, to receive the world while keeping our national or regional identity. From a cultural perspective, globalisation carries with it an enormous opportunity.

I am aware that some see globalisation as a risk of standardisation. To be honest, I think this threat is exaggerated. Globalisation does not necessarily mean standardisation; on the contrary, by bringing different cultures, different languages, different perspectives, and even different civilisations into contact, it establishes bridges and creates new dialogues, bearing a huge

cultural opportunity. Therefore, I am one of those supporting globalisation for its capacity to open up new horizons, in cross-fertilisation, allowing different civilisations and cultures to gain from the interaction, to become mutually enriched and also to share access to science and technology. I understand, at times, the sharing is limited and with reservation and those in the advanced position are not always willing to share, but the trend nowadays is to have wider dissemination of scientific and technological discoveries as well as of economic beliefs.

A small country does not necessarily have a small market. We, in Europe, have gone through the process of establishing a European Union (EU) that consists of around 500 million people. A small country is now able to have immediate access to the entire European market without being confined to her population of two, three, six or ten million people. Similar things happen here in Asia. Interesting is the case of Singapore. Enabled by the opportunities provided by globalisation, this small city-state has developed a wider market by drawing on the competencies she was able to cultivate, growing into a global power from the economic perspective. Therefore, globalisation frees us from the confines of a small environment no matter whether we are speaking from economic, commercial or cultural perspectives. I am thus in favour of globalisation.

It is evident that we have encountered problems and crises. As we know, in 2008, we had the “Euro Crisis” as it

is commonly known internationally. Despite its name, it is not an issue with the euro as it is neither caused by nor specifically related to this common European currency. The crisis began in the US with the bankruptcy of Lehman Brothers, one of the biggest banks in the world, and then of other financial institutions in North America. This, later known as the Subprime Mortgage Crisis, led to the European debt crisis. Obviously, significant challenges were consequently brought to the euro as the Economic and Monetary Union has not been completed (not even now) and did not have all the instruments needed to react to the financial instability, but without doubt, the responses we have taken are of major importance.

At that time the EU presidency was held by France, so President Sarkozy and I, as the President of the European Commission, went to meet President George W. Bush of the US at Camp David. We proposed organising the first G20 meeting involving major economies in the world as we were aware of the absence of China in the former G8 meeting, which was participated in only by the US, Japan, Canada, Russia and the European countries of economic importance. It was obvious to us that G8 was no longer effective in or capable of organising a global response to the financial instability, and it was because of this European proposal that the first G20 meeting in Washington and the various subsequent meetings were realised.

In the last meeting we had in Australia, we managed to avoid the return of protectionism that could have

brought us back to the devastating consequences as experienced in the 1930s, when protectionist policies were widely adopted in response to the financial crisis triggered in the US by the New York stock market crash. Certainly, protectionist tendencies have been observed, but more importantly, we were able to avoid a return to widespread protectionism as the international community was inclined to avoid isolating themselves from one another and thus managed to maintain a certain openness. The truth is that the G20, today, serves as the first global economic forum, with a legitimacy that the G8 did not have and an effectiveness that the United Nations are yet to achieve on the general level as it, abiding by the rule of consensus, is, at times, unable to make an urgent decision on issues of great importance.

Today the EU is the laboratory of globalisation. As we know, the European Community was created by six countries after the Second World War, a war that began in Europe. At that time, apart from the founding countries, it only consisted of France and the reconciled enemy Germany as well as the three Benelux countries – the Netherlands, Belgium and Luxemburg – and Italy. But today, the EU has 28 member countries and, if I may recount my own experience, during my presidency of the European Commission from 2004 to 2014, I was able to witness the capacity of the EU in adapting to new challenges. In 2004 we had only 15 member countries in the EU, but by 2014 when I stepped down from the presidency, we had 28, despite all the crises and the

various negative news you could have read about Europe over the past few years: the decline of Europe, the crisis of Europe, the euro crisis, etc. The reality is, despite all these “crises”, the EU was able to almost double its number of members and the countries have begun to learn to share their sovereignty, a kind of globalisation laboratory in the sense that, if we want to put a global order upon such a complicated world, we have to learn to share our power. It was for this reason that, in November 2012, the EU proudly received a Nobel Peace Prize.

I had the honour to represent the EU at Oslo receiving the Nobel Prize in recognition of the EU’s significant contribution to world peace. Here I would like to bring up an important point – peace, an essentially political objective and what is of interest. The European experience indicates that it is capable of making a step forward towards peace, this eminently political objective, by means of economic integration and common economic interests, and so today the idea of war is practically impossible in Europe within the European community.

I think there is a lesson to be learned for other parts of the world. How can economic integration be created? I would go further to say that economic complicity allows peace to be irreversible as globalisation also triggers the question of a new world order, a world order of globalisation. Globalisation needs peace as, obviously, all these economic, financial, commercial and human exchanges would become difficult if the world went back to the uncontrollable situations of war.

That is why we should nowadays reflect upon a new order of globalisation. Could it be that the institutions created after World War II, from the United Nations to institutions such as the Bretton Woods System, the International Monetary Fund or the World Bank, are being adapted to today’s world? Apparently they need, at least, some sort of reforms.

It is here and in this context that I see all the initiatives that can contribute to a controlled globalisation, a globalisation that can be opportunity rather than threat, as positive. It is also in this context that I see, for example, China’s New Silk Roads initiative as positive. I had the honour, during my presidency at the European Commission, to exchange ideas on this with President Xi, President of the People’s Republic of China, who not only visited officially the European institutions, visited Brussels, but also talked with us about this during one of our summits in Beijing. How could we develop these New Silk Roads, both the terrestrial and the maritime ones?

If we look at the world, we talk about Europe and we talk about Asia, but if we look at it carefully enough, we will discover there is but one continent, the Eurasia, a massive piece of land that goes from Portugal. Please forgive me for mentioning Portugal here but the westernmost point of Europe is Cabo da Roca, which is not far from Lisbon. So, from the European continent that begins at Portugal to here, to China, or elsewhere in this Asiatic continent. Therefore it makes sense, from

the economic and political perspective, to link Europe and Asia together establishing more connections. These include the physical infrastructure that can connect Asia to Europe, fostering trade and, as we hope to go beyond the commercial aspects, better relations and more contacts between people. That is why I support the idea of the Silk Roads on the Eurasia and, also, on the sea which enables even wider linkages.

Macao is an example in the Asia-Pacific region that rigorously links Asia with Europe and other continents with her unique merits. And here we can see another important concept of globalisation, the solutions in which we all can gain, the so called “win-win” solutions in which there are no losers and all can gain, with general increase in trade, in investment and in the opportunities of knowledge and cultural exchange.

That is why nowadays we have to develop new mechanisms of global governance and the countries, our countries, have to have the intelligence to defend their national identities and interests and at the same time consider the interests of others. Some people would say “but isn’t this naïveté?” “Isn’t it kind of naïve to think that different countries and different governments will think less of their own interests but more of the others’?” I honestly believe it is not naïve. I believe it is strategic intelligence, the intelligence that enables us to defend our interest while thinking about the global interest.

In terms of how China can be perceived outside of China, it is essential that the rise of China be seen as an

opportunity not only for the Chinese people but also for global growth. This is what is called strategic intelligence. This is what recommends as prudence and good political sense. This is the way we are able to defend our interests in a global perspective. Jean Monnet, one of the founders, one of the founding fathers, of the European Community, states in his memoirs that the European Community, in the sense of a union of countries, is, in some way, or could be, a presage of a future global order, a global order in which each country is proud of her own identity and yet open to others.

A French author once said, “Patriotism is love for one’s own people but nationalism is hate against the others.” This distinction between patriotism and nationalism is important, as we can be proud of what each of our countries represents but, at the same time, avoid the nationalistic temptations of seeing others as enemies. I think this is strategic intelligence. It will define the future. It is hence important that the various governments understand the necessity of respecting global public goods, things that should be defended independent of one’s national interest, e.g. climate change.

We are in a position to prevent our world being destroyed by excessive pollution. It is important for us to be successful in the conference which will be held in December in Paris and for which China has already made important contributions. It is necessary that the major economies reach a consensus on how to limit the

emission of greenhouse gases that imperils the survival of our planet since it is on this planet that we, humanity, will continue to live.

I used here the concept of humanity. I think it is an important concept. While we may belong to different civilisations, different cultures or different countries, we are all part of the human race. An English author, who had problems with his father, once said, “My father loved humanity in general but hated each and every individual in particular.” Well, this is not the love of humanity I am referring to. I mean the love for humanity, for each man, woman and child, as historical groups will fade – parties, politics, governments and all these histories will go beyond in one way or another – what counts at the end is each and every human being, each man and woman, and the capacity to realise oneself through culture and science. There lies the foundation, from a philosophical point of view, the basis of any political activities. That is why we should work without illusions but with enthusiasm for a global order that respects these values, these values of peace, of development, and of human dignity. I hope, I sincerely hope, that Europe, China and all of us who have a say in the future of the world understand this – the necessity to work harmoniously for a world founded on the values of peace, of development and of humanity dignity.

Violeta (student):

Good morning, Dr Durão Barroso. My name is Violeta

and I am a student from the Chinese-Portuguese Translation and Interpretation programme at the School of Languages and Translation.

The New Silk Road is creating now a lot of new opportunities for global collaboration and development. These new opportunities I believe will open up a lot of new doors for our professional development after leaving college. What advice would you have for us, the Macao students, to get prepared for this future world?

Dr Durão Barroso:

First of all I would like to congratulate you. You speak excellent Portuguese. Yesterday I told Professor Lei that he has excellent Portuguese pronunciation. So I would like to congratulate MPI once again. You are offering excellent Portuguese language training.

I would say it opens up new opportunities. Globalisation, for you youngsters, is a fantastic thing as you can now travel around. When I was 18, travelling from Portugal to Spain was very difficult. There were borders and passports, which are not today. Nowadays, in Europe, we can go from one place to another without passports, practically with nothing at all. There is an extraordinary openness, and have you ever thought that, today, anyone, from the middle-class to those not as resourceful, can travel all around the world? In the past, only the very rich could do so, and some time ago, even the very rich could not as there were no technical means for travelling. Therefore, you youngsters, your generation have more opportunities to get to know other countries,

other continents, and also to bring your culture, in this case the Macanese and Chinese cultures, to other parts of the world. Specifically, from a professional point of view, speaking various languages becomes more and more essential today since more opportunities will arise as the exchanges get more substantial.

Yesterday, your President, Professor Lei, told me that there are, at present, more than 30 universities in China where the Portuguese language is taught, and there will be more. This is not because of Portugal, a country of mere 10 million people, but the Portuguese-speaking communities. Portuguese is the third most spoken mother tongue language in the west. English, Spanish and Portuguese are the most important languages. Angola, Brazil and other countries will have more and more exchanges with China, and China also has lots of interests in these countries. Therefore, those of you who are learning other languages and, in this case, Portuguese, I believe you are making the right decision for your professional life and I wish you all the very best.

Apart from that, there is the cultural part when we learn another language. I have learnt five languages. I speak Portuguese, French, English and Spanish. I understand Italian and speak Italian. I have also learnt German. So six languages. And I have learnt Classical Latin, so Latin as well. Therefore, what I am saying is not propaganda. It is what I did. Language is the key, a way to see the world and other culture. We enrich ourselves whenever we learn another language. Unfortunately I

have not yet had the opportunity to learn Chinese but now I am a professor here (interrupted by Professor Lei: now that you are in Macao, you will be able to do so), but we also say in Portuguese that old dogs can't learn new languages. Don't know if there is a similar saying here?

Well, language is an entrance to another culture, to learn in the exchange. From the professional perspective, I believe the New Silk Roads proposed by the Chinese government will provide these opportunities and I hope those who are learning Portuguese or other languages can benefit professionally from it.

Jasper (student):

Good morning Dr. Barroso. My name is Jasper, I'm a student from the Chinese-English Translation and Interpretation Programme. May I ask you a question in English, please? Thank you.

Some people think that the first waves of globalization happened with the emergence of the Old Silk Road and it is evident that the Old Silk Road promoted socio-cultural exchange between the East and the West. However, now many people have discussed how the New Silk Road is mainly focusing on socio-economic development. So, Dr. Barroso, in your opinion, do you think that the New Silk Road will also have some cultural impact, internationally? Thank you.

Dr Durão Barroso:

It's true the Old Silk Road made contacts between, for example, Asia and Europe. It was very important but I

think the first globalisation, being truly global – involving not only Asia and Europe, but Africa and the Americas also – was only possible with the Navigations as said in my introductory remark. The Old Silk Road was extremely important in terms of exchanges, namely in terms of trade and also in cultural terms, but the real potential of globalisation was unleashed, was possible to be liberated, through the Navigations because that was the real global concept, going beyond the Eurasian continent, linking also with Africa and the Americas that, at that time, were very distant from Europe or from Asia. In fact, it was not known. Some centuries ago, those living in Asia or in Europe did not know there was a continent called afterwards America, North America or South America.

Now, responding directly to your question, my answer is yes. The New Silk Road, I hope, will promote also cultural exchanges. As I have said to your colleague earlier, I think it is important to see these developments in trade and investment not only economically but to consider the cultural dimension for reasons I have expressed in my preliminary remarks. At the end, what counts more is culture; of course instrumentally economics is very important but, I think it is important, and that is also why it is important in the economic exchanges, to have in mind the cultural and historic aspects. During the discussions I had just now with the Secretary for Social Affairs and Culture, and yesterday, with the Chief Executive of the Special Administrative Region of Macao, they both told me that they are

very interested in developing Macao's specificity. So economically for Macao it is also important to cultivate its heritage recognised by UNESCO, for instance, and that shows culture also has an important economic dimension.

In the European Union, when I was there in the Commission, we conducted some studies about the value of culture for our economies and according to some statistics, the cultural industries, from theatres and operas to cultural exchanges, together represent 4% of GDP, which is very important. I am one of those who think that culture is a good in itself independently from economic interests, that cultivating culture is important in itself, but for those who have more of an economist's perspective on the world, I would also advise them to invest in culture because it brings value-added to your operations. So, to cut a long history short, I hope that in this new concept the Chinese authorities are promoting of a New Silk Road, the cultural dimension and cultural exchange are also present because of not only what it can bring in terms of economic value-added but also the opportunities for cultural self-fulfillment of the citizens.

Ivo (student):

Good morning, Dr Durão Barroso. My name is Ivo Vital. I am a Portuguese exchange student and a three-time interviewer of former Portuguese prime ministers. Interestingly, all of them were from the PSD party.

Taking up your cue in Latin, in the current *genius saeculi* it is an axiom that globalisation had a profound

impact in the twentieth century in tying the world closer together, and that such an impact is evident this century. Having said that, I have the following question: how do you envisage the world in the next two decades? Thank you.

Dr Durão Barroso:

Thank you. This can be the topic for another lecture. I must come back here more often as it is difficult to foresee how the world will be like in the coming decades. What I have in mind is this. In general, the world will go in a positive direction. If we graph it, it would be an ascending but non-linear line. While many people nowadays say that the world is dangerous, that the world is in bad shape, and that the world is in great crisis, these people do not have a proper concept of history. The truth is, in general and on average, the population is better off now than 40 or 50 years ago or two or three centuries ago. Colonialism ended. There might be a few exceptions but it has ended. Situations like apartheid in South Africa have ended. Today, women have more rights than they ever did before although full gender equality is yet to come. As I can see lots of female students here, women today have such power in our society that they have not had for centuries. And have we ever thought about the talents that have been wasted because of women's relatively submissive position? Why can't women have the same rights of free expression as men?

If we look at the statistics relating to socio-economic development, infant mortality or life expectancy more

closely, we will be aware that we are far better off than 10, 20 or 30 years ago. Take China, the largest country in the world in demographic terms, as an example. If we look at the socio-economic indicators, we can see there was tremendous progress. I am one of those who hold an optimistic view on humanity and history. I believe there is a sense of progress but I am also not naïve. In history there are refluxes at times which cause delays. There are horrible things like the two world wars which began in Europe and expanded across the world. There are phenomena, as we can see today, of terrorism, of fanaticism, and of extremism which are absolutely reprehensible. There are also many risks in the world. But again, the trend is positive with accidents at times. There could be reversals here and there.

So, if you ask me how the world will be like 20 years later, I would say the global indicators will continue to be positive but nothing has yet been acquired. History is not predetermined. History is made by us. You of the younger generation will be the ones to write it. It is important for us to work towards peace. It is important for us to work to prevent new global wars which might set back much of what humanity has attained over centuries, like the ones mentioned before. Nothing is written. In principle we cannot have this conception of history thinking that everything is predetermined. The trends are positive in terms of progress but we have to work in order for these trends to be consolidated and for any historical setbacks not to happen again.

LECTURE

There are countries, luckily only a minority, where the life expectancy now is lower than that of 20 or 30 years ago and where poverty intensifies contrary to the situation on the global level. It is for sure that we have to avoid complacency, situations of being content with ourselves. There are still various terrible situations in the world. There are still mothers who want to feed their children but are unable to do so. There are still people dying of hunger. There are still situations of death due to the lack of potable water, due to curable diseases or other circumstances that we can hardly imagine nowadays. During my terms of office, I visited many such regions like Darfur in Africa and witnessed terrible situations like the Syrian refugees fleeing to Europe as their country is completely devastated. I have been to the refugee camps in Zaatari, Jordan and the Island of Lampedusa in Italy where millions and millions and millions of refugees are received.

While there are terrible situations throughout the world, the overall trend is positive and so I dare believe that the world will be better than today 20 years later. But in order for this to happen it is important for large territories like China and Europe to understand each other as well as that the world, instead of being dominated by one or two mega-powers, can be organised in a multilateral way according to such principles of global governance as mentioned before for the common objective of peace.

This is my vision. It is up to us to have this realised knowing that nothing is guaranteed from the beginning, and you, the younger generation, will have the opportunity to contribute in this regard.

(Translated transcription)

DESTAQUES HIGHLIGHTS

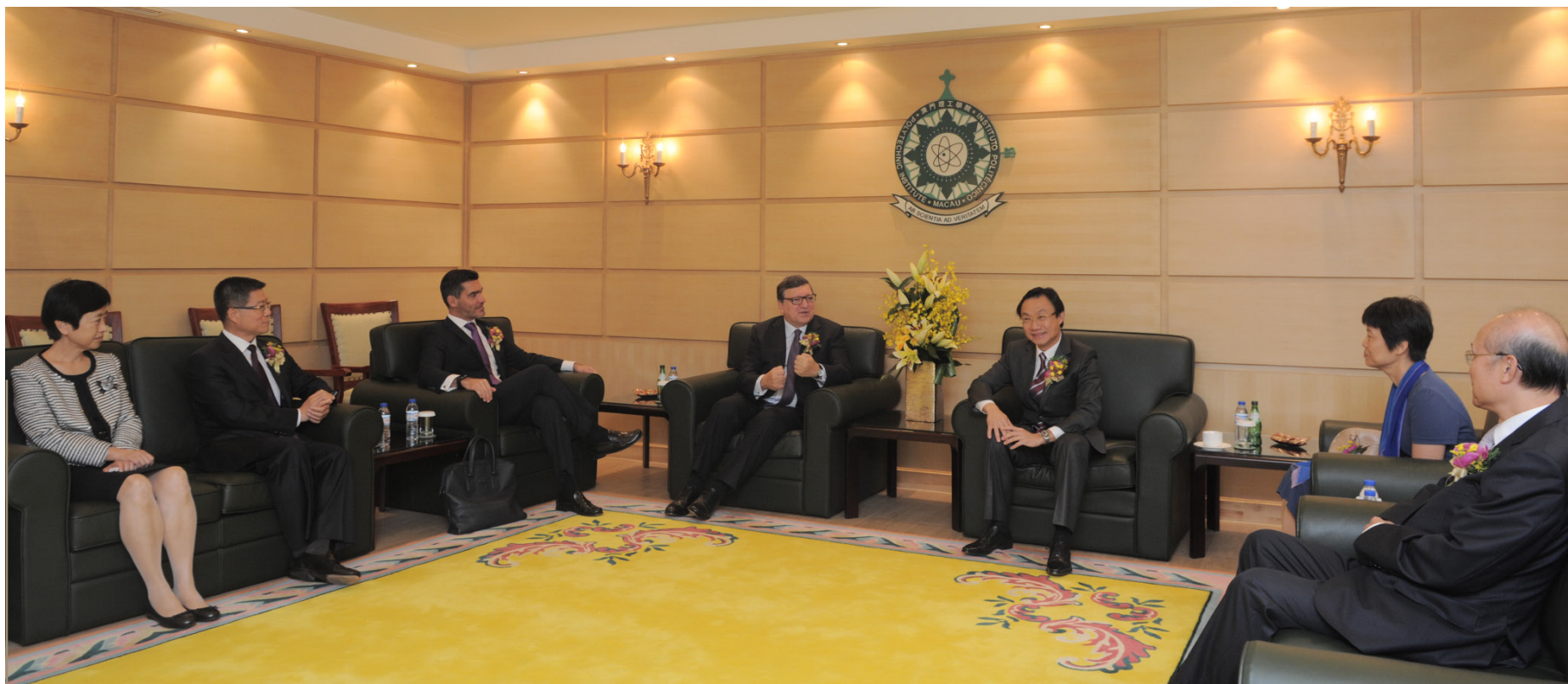
花絮



A representante dos alunos do IPM ofereceu um ramo de flores ao Dr. Durão Barroso
The student representative presents a bouquet to Dr Durão Barroso
理工學院學生代表向巴羅佐博士獻花

DESTAQUES HIGHLIGHTS

花絮



Encontro de Dr. Durão Barroso com o Senhor Secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, Dr. Alexis Tam, e demais convidados de honra
Dr Durão Barroso met with Dr Alexis Tam, Secretary for Social Affairs and Culture, and other guests of honour
巴羅佐博士與社會文化司司長譚俊榮博士及其他與會嘉賓會面

Na cerimónia esteve presente cerca de 400 pessoas, incluindo docentes, alunos e membros do sociedade de Macau
About 400 students, faculty members and guests from different walks of life attended the ceremony
頒授儀式獲教職員、學生及社會各界近400人出席



DESTAQUES HIGHLIGHTS 花絮



O Dr. Alexis Tam testemunhando a assinatura da carte de designação pelo Dr. Durão Barroso e o Prof. Dr. Lei Heong lok
Dr Durão Barroso and Professor Lei Heong lok signed the letter of appointment in the witness of Dr Alexis Tam
巴羅佐博士及理工學院李向玉教授，在社會文化司司長譚俊榮博士見證下簽署名譽教授聘書

Apresentação da carta de designação ao Dr. Durão Barroso pelo Dr. Alexis Tam
Dr Durão Barroso received the letter of appointment from the hands of Dr Alexis Tam
巴羅佐博士自社會文化司司長譚俊榮博士手中接過名譽教授聘書



DESTAQUES HIGHLIGHTS

花絮



O Dr. Durão Barroso e os participantes da cerimónia

Dr Durão Barroso and the ceremony attendees

巴羅佐博士與一眾與會者合照



Interpretação de “Csárdás” com instrumentos chineses e ocidentais pelos alunos do IPM

An interpretation of Csárdás with Chinese and western instruments by MPI's students

音樂課程學生為嘉賓演奏《查爾達什》，
以中西樂器合奏突顯中西文化的和諧共融

DESTAQUES HIGHLIGHTS

花絮

*Conferência do Dr. Durão Barroso sobre “Globalização
no século XXI: Das novas rotas da sede
a outras ligações entre os continentes”*

Dr Durão Barroso’s lecture on “Globalisation
in the 21st Century: From the New Silk Roads
to Other Connections between Continents”

巴羅佐博士以 “二十一世紀的全球化：
從新絲綢之路到大陸間的其他聯繫” 為題主持報告會





Diálogo entre o Dr. Durão Barroso e os alunos do IPM
Dr Durão Barroso's dialogue with MPI's students
巴羅佐博士與理工學院學生座談



澳門理工學院
Instituto Politécnico de Macau
Macao Polytechnic Institute

www.ipm.edu.mo

ISBN 978-99965-2-125-6



9 789996 521256